O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 20 DE FEVEREIRO DE 1889 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:770

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — QUESTÃO IRRITANTE. —O CREDITO NACIONAL.—EXECUÇÃO. —PROJECTOS NOVOS.—CARTA DO PORTO.—NOTICIARIO.—O SERVIÇO DOS CORREIOS NAS DIRECÇÕES DOS DISTRICTOS, FÓRA DE LISBOA E PORTO.—O DR. ALEXANDRE DE SEABRA.—NECROLOGIO.—AOS SRS. CHEFES D'ESTAÇÕES TELEGRAPHO POSTAES DE 4.ª E 5.ª CLASSES DO PAIZ.—CARTA DE LISBOA.—DECLARAÇÕES IMPORTANTES. —SECÇÃO SCIENTIFICA—SECÇÃO AGRICOLA: VIDOEIRO, *por J. Casimiro Barbosa.*—SECÇÃO LITTERARIA: O MENINO SEM CABEÇA, *por A. M.*—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO. —CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

QUESTAO IRRITANTE

Introduziu-se na imprensa politica uma praxe que destoa dos principios da hermeneutica, e que é a negação mais completa dos preceitos da moralidade. Ao passo que se finge o maximo respeito pelo nome e creditos de dois homens que figuram n'umas contas entre particulares, não se pejam de insinuar a conivencia do governo ou de parte d'elle no que aquelles entregaram e deixaram de entregar aos directamente interessados no negocio. De modo que os ministros, que não entraram na transacção, e que só regularam as obrigações contraidas pelo estado, solvendo a divida do thesouro, são para a imprensa assim orientada, quasi que uns bulrões! E os liquidatarios, que formalmente declararam que tinham recebido até á ultima pogeia a quantia ajustada, entregando apenas 48 0[0, para estes são poucos os epithetos honrosos do nosso vocabulario para inaltecer a sua honestidade e o seu porte cavalheiroso!

Declaramos que nada percebemos d'estas estrategias, a que anda avesada a imprensa partidaria. Se o facto em si é ruim, se o atacam á máscara, porque não tomaram parte n'elle syndicatos ou individuos uzeiros e vezeiros em negociatas, e se os liquidatarios são caracteres superiores a qualquer excepção, porque agridem os ministros que pagaram honradamente aquelle calote nacional? E de duas uma; ou semelhante calumnia cae pela baze, esboroando-se o libello e mostrando só a má indole do libellista; ou os liquidatarios não são os taes homens de bem, que a imprensa pretende inculcar, ao mesmo tempo que os averba de suspeitos com aquella insinuação mais que improvada, e que serve apenas para fazer vêr até onde o facciosismo politico arrasta os que teem obrigação de serem sérios, para não malsinarem os homens publicos, cuja inconcussa probidade é geralmente confessada por gregos e troianos.

E o que dizem os factos?

Na liquidação de uma divida antiqua do tabaco, o estado satisfez integralmente o preço ajustado. Assim o declararam cathegoricamente os liquidatarios. Se estes não entregaram depois senão 48 0[0 aos interessados, foram elles e só elles que retiveram a importancia da differença. E se assim o disseram de um modo a não admittir duvidas, e se convocaram para o seu escriptorio os que quizessem esclarecer-se sobre a veracidade dos factos, por isso que entendiam que não lhes cumpria dar contas senão aos directamente interessados na questão, porque é que o *Jornal da Noite* accusa os ministros, em vez de seguir primeiro o caminho indicado por aquelles, a fim de poder depois censurar ou applaudir com conhecimento de causa?

Aquelle era o meio unico de apurar a verdade, mas por isso mesmo é que se evita, com a mira em fazer barulho. Quer-se ferir com a suspeição o caracter dos ministros. Insinua-se que foram coniventes n'aquelle desvio, que os liquidatarios promettem tirar a limpo, mas fóra dos dominios da discussão apaixonada e por tanto irreflectida da imprensa politica. E como é isto o que exactamente não convém, o *Jornal da Noite* e outros embrulham o caso, para prejudicar o conceito, a reputação dos que sobraçam as pastas, e cujo nome está superior ás detracções e malquerenças do facciosismo dos seus adversarios.

A quem pretende pois a imprensa compromettor? Se julga os liquidatarios honestos, para que os acoima de coniventes em tratadas indecorosas? Porque não se esclarece primeiro, para depois discutir ex-professo um ponto, que para todos é obscuro?

Queremos tambem que se faça luz, mas não é malsinando caracteres lidimos, que se logrará o intento. Se os liquidatarios dão explicações cabaes no seu escriptorio, vá á fonte o *Jornal da Noite,* e não prosiga na aria da calumnia, que o mesmo é exauctorar-se, desprestigiando a instituição, que não se criou para eco da maledicencia, on para expansão de coleras insensatas.

O CREDITO NACIONAL

E' do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

Dizem alguns jornaes que a casa Baring acaba de annunciar em Londres, a emissão do fundo italiano de 3 0[0 ao preço de 57 3[4.

Ao mesmo tempo o fundo de 3 0[0 oscila nos arredores de 65 1[2, isto é, as cotações dos nossos fundos, e portanto o nosso credito, já são 7,75 0[0 superiores aos de uma grande potencia como é a Italia.

Estes factos são mais significativos de que todas as tetricas prophecias com que a opposição vae lastimando as desgraças do paiz. Quando Fontes Pereira de Mello, apontando para as mais altas cotações dos seus varios consulados, cotações que nunca chegaram ás actuaes, affirmava triumphantemente que a subida dos fundos publicos era o thermometro seguro da prosperidade do paiz, dizia realmente uma verdade. E é exactamente por isso que, comparando agora o estado da fazenda publica, e especialmente a situação do credito, com o estado anterior ao advento do partido progressista, temos de concluir que nunca o paiz atravessou um periodo de tanta prosperidade, e conseguintemente que nunca em Portugal nenhuma situação politica logrou obter, para a honra e para o credito do paiz, um estado de cousas mais lisongeiro e mais favoravel para os interesses publicos.

E é n'este momento que a opposição intima o governo a que abandone as cadeiras do poder, inventa boatos de crise, e arroja toda a casta de lama e toda a especie de calumnias contra os ministros que taes serviços tem prestado!

Bem se vê que n'este paiz, e no conceito dos facciosos, quem mais faz é quem menos merece. Felizmente os desmandos da diffamação encontram o natural correctivo no bom senso popular; e o publico, que afinal é sempre o que tem razão, vae demonstrando pela sua attitude cordata e tranquilla o despreso que merecem as diatribes da paixão e as calumnias da malidicencia.

EXECUÇAO

Começâmos a transcrever do *Diario Popular* a severissima correcção que esta dado ao famoso chefe da Serpia.

O promettido é devido. Vamos tomar contas ao sr. Serpa, posto que o jornal de que é director politico já não discute nem produz argumentos novos, mas se limita a injuriar. Unicamente não vamos injuriar, contentar-nos-hemos em expôr e commentar os factos, e em applicar ao sr. Serpa a doutrina do seu jornal.

Estas contas são apenas um antegosto. As surpresas agradaveis reservamos-lh'as para as camaras, e contem que são ainda melhores, muito melhores, do que tudo quanto vão ter o gosto de ler. Vamos ao caso.

O governo foi acusado: 1.º por ter proposto á camara *sem dar explicações* uma lei da qual resulta ficar auctorisado a pagar a divida dos tabacos; 2.º por ter a commissão de fazenda acceitado *sem dar explicações* essa redacção; 3.º por ter o governo pago em virtude d'essa lei uma divida de tabacos *julgada por dois accordãos* dos tribunaes competentes.

A primeira accusação era falsa. O governo não tinha proposto cousa nenhuma, mas acceitou a redacção da commissão de fazenda. Vamos a ver o que fez o sr. Serpa Pimentel, chefe da tribu dos difamadores.

O sr. Serpa Pimentel em 4 de janeiro de 1874 apresentou á camara a lei do orçamento com este paragrapho: «Fica o governo auctorisado durante o anno economico de 1874-18875:

4.º A effectuar a restituição, quando ella se deva verificar, por meio do correspondente encontro nos preços das rendas em divida de edificios que estivessem na posse da fazenda, ou de rendimentos contractados com o Estado igualmente em divida, tudo anterior ao anno de 1864-1865, quando o Estado seja tambem devedor. Este encontro só poderá ser concedido a individuos que tenham sido originariamente credores e ao mesmo tempo originariamente devedores, em virtude das referidas operações.»

Depois veremos para que serviu esta redacção embrulhada e confusa, e para que eram as restricções exquisitas n'ella contidas.

Por ora notemos, que no relatorio da sua proposta o sr. Serpa *não dava explicação nenhuma* ácerca do alcance d'esta auctorisação. E mais alguma cousa. Sendo a proposta, a que acompanhava o orçamento, o sr. Serpa não incluiu para o pagamento nenhuma verba no mesmo orçamento.

Em 9 de fevereiro de 1874 a commissão de fazenda relator Mamede, deu parecer sobre a proposta do sr. Serpa. Esse parecer é muito extenso, mas *não dava explicação nenhuma* ácerca da famosa auctorisação. Nem uma palavra! E o que mais é, a commissão de fazenda tambem não incluiu verba nenhuma no orçamento.

O parecer da commissão *sem explicação nenhuma* e filho da proposta do sr. Serpa tambem *sem explicação nenhuma,* converteu-se na lei de 22 de abril de 1874 *sem explicação nenhuma.*

Logo em 2 de julho, dia seguinte áquelle em que a lei entrou em execução, os liquidatarios do contracto de tabaco dos doze annos, que findaram em 1858, requereram ao sr. Serpa que lhes mandasse abonar 53:747$196 réis de que se julgavam credores. E o sr. Serpa Pimentel por despacho de 23 de outubro do mesmo anno, mandou abonar áquelles liquidatarios a quantia sobredita de 53:747$196 réis e por tal fórma se arranjaram as contas apresentadas posteriormente ás côrtes, que este pagamento e dispendio do Estado não apparecem lá.

Note-se o seguinte: A divida que o actual governo mandou pagar foi julgada judicialmente por accordãos do tribunal de contas e do conselho de Estado. Mas os 53:747$196 réis, que o sr. Serpa mandou pagar nunca tinham sido julgados dividas do thesouro por nenhum tribunal. O governo actual mandou pagar o que os tribunaes julgaram devido e ainda conseguiu abatimento; o Serpa mandou pagar o que só elle julgou.

Nota-se ainda que o sr. Serpa não se contentou com mandar pagar aquelles 53:747$196 réis. Tambem houve por bem que um simples despacho ministerial, que se julgassem os alludidos liquidatarios credores de 105:920$194 réis á fazenda nacional. Todos estes julgamentos e pagamentos feitos unicamente pelo sr. Serpa, foram por s. ex.ª julgados e mandados fazer unicamente á *face de notas da direcção geral da contabilidade de 17 de outubro de 1874 e da direcção geral dos proprios nacionaes de 14 de outubro de 1874,* sendo o despacho do sr. Serpa de 23 de outubro d'esse mesmo anno.

O governo actual pagou á vista de sentenças de dois dos mais altos tribunaes do paiz; o sr. Serpa sentenciou elle proprio á vista de *simples notas* da sua secretaria e á vista de *simples notas* mandou pagar. Logo o governo actual é um grande criminoso e o sr. Serpa um grande innocente!

O governo actual é criminoso porque não deu nas camaras explicações que ninguem lhe pediu. O sr. Serpa é innocente, porque não deu explicações, porque não incluiu verbas no orçamento e deixou escuro o pagamento!

O governo actual é criminoso porque pagou a dois liquidatarios *judicialmente habilitados.* E o sr. Serpa é innocente porque pagou a dois liquidatarios, que nem se deram ao trabalho de se habilitarem judicialmente.

O governo actual é criminoso, porque os liquidatarios a quem pagou não publicam contas. O sr. Serpa é innocente, porque os liquidatarios a quem pagou, não publicaram contas.

O governo é criminoso, porque não pagou pela verba de exercicios findos. O sr. Serpa é innocente porque não pagou pela verba dos exercicios findos.

E como os liquidatarios actuaes não publicam contas, o sr. Serpa permitte se escrever no seu jornal, que elles deram luvas aos ministros. Mas como os liquidatarios a quem o sr. Serpa pagou não publicaram contas, é egual o nosso direito de suppôr que tambem deram luvas ao sr. Serpa. Com uma differença. O governo actual só pagou á vista de sentenças judiciaes passadas em julgado. O sr. Serpa sentenceou elle proprio á vista de notas e pagou. Logo, se a logica do sr. Serpa no seu papel é admissivel, as luvas de s. ex.ª foram proporcionalmente maiores. Luvas como juiz e luvas como mandados do pagamento. Um par de luvas!

Venha, pois, sr. Serpa lavar-se dos seus actos e da sua logica, e venha gritar que particulares devem publicar as suas contas para se saber quaes foram as luvas do sr. Serpa, ou se não as houve. Direito e justiça eguaes para todos!

Mas isto não é o melhor. Os nossos leitores verão coisas mais gentis sem prejuizo das surprezas agradaveis no parlamento.

PROJECTOS NOVOS

Fomos surprehendidos na quinta-feira passada por uma noticia, que não esperavámos, e em cuja veracidade não podemos ainda acreditar. Não encerram estas palavras uma insinuação offensiva dos bons creditos do cavalheiro, que é, em Lisboa, correspondente do *Defensor Telegrapho Postal* nem tão pouco o desejo de melindrar, por qualquer fórma, o seu caracter.

E', porém, a noticia a que nos referimos tão extraordinariamente inacreditavel para os que, como nós, sabem fazer justiça á lealdade dos outros, que nos não atrevemos a garantir que ella seja de todo o ponto exacta.

Na carta de Lisboa para o *Defensor* de quinta-feira ultima, encontrámos a communicação do que se passou em Lisboa no dia 11, e que resumimos pela fórma seguinte:

«Reuniu no dia 11 a commissão de Lisboa, comparecendo o ex.mo sr. Francisco Xavier de Carvalho, representante dos nossos collegas do norte.

Usando da palavra, disse s. ex.ª que achava inexequivel a pretenção de toda a classe—o augmento immediato de vencimento, e que sabia que no anno passado a commissão de fazenda da camara dos deputados não deu andamento áquelle projecto porque importava o dispendio de uma quantia elevada. Ora, accrescentando essa quantia e desejando-se o augmento do vencimento a todas as classes, mais difficuldades sobreviriam, ou, seria impossivel obter essa pretenção. Que lhe parecia melhor procurar alcançar o maior beneficio possivel para a classe, sem que a sua execução determinasse mais augmento de despeza do que o projecto de lei do sr. Alfredo Pereira. Elle, orador, pensára já maduramente a esse respeito e lembrava certos alvitres que ia expôr á commissão. Conhecia que a diuturnidade do serviço era odiada por todos e que convinha por tanto pôl-a de parte. Julgava necessaria a creação da classe de terceiros officiaes, e estipulou o numero de trinta e seis, sendo vinte e cinco para o quadro dos telegraphos e onze para o dos correios, sendo collocados oito como encarregados do serviço de Lisboa e Porto, dois como chefes das estações do Calhariz e Alfandega do Porto e os restantes como encarregados de serviços de differentes districtos, excluindo os de Funchal, Angra do Heroismo, Ponta Delgada e Horta. Propunha, tambem, a promoção de cem segundos aspirantes a primeiros e de cem auxiliares a segundos. Para fazer face a esta despeza, tinha a verba a despender com a diuturnidade do serviço; aquella que excedia da promoção total dos auxiliares a segundos aspirantes e as gratificações dos encarregados de serviço e chefes das estações do Calhariz e Alfandega do Porto. Propoz mais s. ex.ª que as promoções fossem por concurso e por antiguidade, simultaneamente.

Esta proposta foi approvada por unanimidade.

O sr. Cunha Lamas propoz que se accrescentasse á proposta do sr. Xavier de Carvalho. a creação de mais nove primeiros officiaes para o quadro dos telegraphos, o que foi unanimemente approvado.

Ficou nomeada uma commissão para estudar e redigir a proposta do ex.mo sr. Xavier de Carvalho. Reunida hoje, a commissão acompanhada pelo sr. Xavier de Carvalho dirigiu-se ao sr. inspector geral dos correios, a quem apresentou a sua pretenção. S. ex.ª declarou desde logo acceitar em principio essa proposta e que ia estudal-a. Pediu para conferenciar ámanhã a tal respeito com os srs. Mendes Leite, Xavier de Carvalho e alguns outros membros da commissão.»

Repetimos: esta solução é tão extraordinaria, tão fóra do alcance das nossas previsões e dos nossos calculos, que não devemos, que não queremos acredital-a. E' para todos nós, os aspirantes, de uma vantagem tão ephemera e tão illusoria, que, por honra do nosso respeitavel representante, não podemos acceital-a como verdadeira. Quando entregámos ao sr. Xavier de Carvalho o futuro da nossa classe e, [illegible] nossos ir- e á sua provada honestidade zelo reito de, primeiro que tudo, zelar e defender os interesses dos que mais trabalham, dos que veem consumir-se n'esta campanha incruenta de todos os dias a mais ridente quadra da sua existencia. S. ex.ª era, pois, um delegado acreditado junto do congresso de Lisboa, pelo voto unanime dos pequenos, dos famintos, dos desprotegidos da sorte. S. ex.ª representava, portanto, entre a alta gerarchia, que superintende na commissão de Lisboa, a multidão dos que têm o direito de pedir, porque são pequenos, pobres e obscuros.

N'esta situação, como poderia s. ex.ª annuir a indicações menos justas, que beneficiam apenas os que já estão em plena florescencia de recursos, para consentir que ficassem continuando a debater-se nas vascas da fome, os que, em nome da humanidade, supplicam um acto de justiça? Como podia s. ex.ª votar a creação de mais nove 1.os officiaes—que são exactamente o preciso para uma promoção visivelmente e unicamente destinada a lisongear o interesse pessoal—quando essa creação produz um augmento de despeza, inutil para a classe dos aspirantes?!

Não póde ser exacta a informação do *Defensor.* Traduziria ella uma desillusão tão tremenda para nós e para todos os nossos collegas, que não queremos acredital-a.

Pessoalmente, por nós, nunca fizemos questão do augmento de vencimentos, nem seriamos capazes de pedir um ceitil que viesse *pessoalmente* interessar-nos. Parece termos provado esta asserção recusando-nos como nos recusámos a tomar parte nos movimentos de 87 e 88. Temol-o dito muita vez, e já em publico o affirmámos e garantimos.

Collocando-nos, porém, ao lado dos nossos camaradas, havemos de fazer por elles e pelas conveniencias da collectividade, o que, só por nós, nunca seriamos capazes de fazer. Temos em muito pouca conta o interesse individual, para sairmos da nossa obscuridade feliz em prol de uma melhoria que nos convinha, é certo, mas que não seria capaz de fazer alterar a nossa tranquillidade e o socego do nosso espirito.

Estamos, portanto, no direito de atirar a pedra, sem que nos arreceiemos de nos quebrarem o telhado. Os nossos collegas podem ter a certeza de que não atraiçoaremos os nossos deveres de lealdade em caso algum e por fórma alguma. Onde encontrarmos motivo para suspeitas, fazel-o-emos sentir immediatamente. Se nos presentirmos lezados por interesses alheios ou pela absorvencia do que, estando altamente collocados, procuram subir ainda mais com o sacrificio da nossa situação, dir-lh'o-hemos francamente, lealmente, para que tomemos o caminho que ha muito deviamos ter seguido, o de pedir a quem póde e a quem ha de ouvir-nos, porque é justo e equitativo—o nobre ministro das obras publicas.

Ninguem, a não ser os nossos irmãos de trabalho, póde, portanto, contar comnosco. Conhecemos a gravidade da situação em que se acham collocados os aspirantes e, d'ahi para baixo, todos os empregados dependentes da Direcção Geral dos Correios. Illudil-os a elles, aos pobres, aos famintos, a elles que constituem o grupo dos que trabalham, é uma barbaridade sem nome.

Por ora, abstemo-nos de fazer outras declarações. Basta-nos repetir que não acreditamos que seja, porque não póde ser exacta a informação do *Defensor Telegrapho-Postal.*

F. V.

CARTA DO PORTO

20 DE FEVEREIRO DE 1889.

Como já devem saber pelos jornaes, por que todos o disseram, Soares dos Reis, essa grande individualidade da arte, esse magestoso nome portuguez, esmigalhou o craneo protentoso com uma bala de revolver, n'um instante de allucinado desalento, n'um momento de cego delirio.

Fragil de espirito, perdido de razão, não tremeu ante a resolução d'esse abominavel crime, e deixou que um pedaço de chumbo lhe despedaçasse brutalmente aquelle craneo d'ouro, que era a pyra abençoada de onde irradiava em todo o seu explendido fulgor o facho luminoso e brilhantissimo d'um genio peregrino, votado ao culto da arte.

Foi á bocca da noite, no domingo, o saimento funebre do malogrado genio, a quem um desvairamento perdeu e a quem a tremenda execução d'um crime tão cedo sepultou no abysmo para onde caminhamos todos. Esmaltada de estrellas, a noite, formosissima, quente, silenciosa, deixava ouvir-se o murmurio vago dos pinhaes que orlavam o caminho e o triste piar d'algum passarito ainda implume. No meio do maior recolhimento, seguia o feretro n'um carro funebre, acompanhado por todos os professores da Academia de Bellas Artes, direcção e socios do Centro Artistico, numerosissimo concurso de individuos de todas as classes, Sousa Pinto, Marques d'Oliveira, Thadeu Furtado, João Correia, Sardinha e Torquato Pinheiro, amigos, companheiros e profundos admiradores do glorioso artista. Pelo caminho os camponezes que passavam descobriam-se respeitosamente. Sobre o caixão viam-se immensas côroas e bouquets, entre os quaes um que Bordallo Pinheiro expressamente mandou de Lisboa. A' beira da sepultura fallaram do finado, com palavras por onde passava todo o sentimento d'uns espiritos maguados, e lagrimas na voz, o rev.º Patricio e Arthur de Macedo, medico e intimo amigo do illustre morto. Commoventissimo. Soluçava-se em alguma caricia ao malogrado e glorioso artista, cujo somno velava com uma silenciosa innundação de luz.

E acabou assim um genio!

— A velha companhia dos vinhos deu ordem para se comprarem no Douro até 4:000 pipas. E as casas inglezas e muitas outras portuguezas deram ordens para ali no mesmo sentido. Terminam assim todos os motivos de descontentamento entre negociantes e vinicultores.

— Na rua dos Burgães foi presa uma tal Izabel, moradora na Fontinha, conhecida por *Izabel mãe dos Anjos e dos Archanjos* e que se inculca como mulher de virtude. A mulher costuma ir para casa d'uma irmã que mora na rua dos Burgães e ali recebia a sua numerosa clientela.

— A exportação do gado gordo pela barra do Porto foi no anno findo de cerca de 10:200 cabeças.

Z.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Esteve no domingo em Aveiro o nosso illustrado amigo e dedicado correligionario, o sr. padre Antonio Tavares Coelho e Pinho, dignissimo professor de Roge, concelho de Cambra.

— Veio aqui na segunda-feira o digno escrivão de fazenda do concelho de Ovar, e nosso prestimoso amigo, o sr. Manuel das Neves Ribeiro.

— Visitou-nos hontem o nosso illustradissimo amigo, o sr. conselheiro Albano de Mello, benemerito deputado por este circulo, e nosso distincto collega da *Soberania do Povo.*

— Tambem nos visitou hontem o nosso respeitavel amigo e digno abbade de Esmoriz, o sr. Roberto Gonçalves de Sá.

Acto bom.—O sr. bispo-conde, sabendo que na povoação de Pereira a variola está fazendo grandes estragos, foi ali ministrar soccorros aos mais precisados, e levar-lhes o consolo da sua visita. E' que n'aquella alma sempre nobre, n'aquelle espirito sempre elevado e digno, preponderam sentimentos, que a outros faltam. Bom seria que alguns prelados, em egualdade de circumstancias—e estas abundam sempre, infelizmente—procedessem do mesmo modo; mas não succede assim, o que é muito para sentir.

Incommodo.—O nosso muito presado amigo o sr. Roberto Gonçalves de Sá, muito digno abbade d'Esmoriz, tem passado incommodado n'estes ultimos dias. Devotados amigos de tão respeitavel ecclesiastico, fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

Commissão protectora dos expostos.—Reuniu na segunda-feira ao meio dia, na salla das sessões da Junta Geral, a Commissão protectora dos menores expostos, desvalidos e abandonados d'este districto. Presidiu o sr. dr. Barbosa de Magalhães, como presidente da Commissão executiva, e assistiram as ex.mas sr.as D. Adelaide Brandão d'Eça Noronha, e D. Maria José de Vilhena, e os srs. visconde da Silva Mello, Padre Manuel Ferreira Pinto de Sousa e José Eduardo d'Almeida Vilhena. Tomou conhecimento de muitos requerimentos pedindo entrega de menores mediante contracto nas condições do Reg. de 5 de janeiro de 1888, e deliberou transmittir esses pedidos á Commissão districtal, para serem deferidos.

‹O Seculo›.—Volta no seu n.º de hontem com as grosseirissimas expressões do costume, este digno collega dos papeis sujos de cá. Temos-lhe até aqui dispensado a consideração de o ler de vez em quando. Desde que continue, porém, na infamissima campanha de diffamação em que anda, ajudando n'essa mesma campanha infamissima os garotos que o apedrejam e os bandidos que o chamam aos tribunaes com razão ou sem ella, deixaremos de vêl-o, como acontece aos de cá, porque o seu contacto nos causa a mais viva repulsão. Accuse, seja severo, seja como quizer, mas delicado, cortez, de forma que possa responder-lhe quem só sabe escrever de luva branca. E' assim que comprehendemos os nossos deveres de imprensa, de onde não sairemos nunca. O que dizemos ao *Seculo* vae tambem com subscripto para os *Debates* e *Democracia.*

A troupe do Principe Real.—Retirou na segunda-feira, depois de mais duas magnificas representações, a da opera-comica *Madame Favart* e a da opereta *D. Juanita.*

Madame Favart é uma peça finissima, cheia de bellezas, rica de vestuario, primorosa em tudo.

Distinctamente interpretada por todos os artistas que n'ella tomaram parte, a execução foi soberba, verdadeiramente admiravel por parte dos principaes personagens, José Ricardo, Firmino, Setta da Silva, Fantony e Dorinda Rodrigues.

Para a apreciação de José Ricardo não ha adjectivos possiveis. Surprehendente desde a mais pequenina phrase, soberbo até ao mais importante movimento, foi magestoso em tudo, imponente no gesto, maravilhoso na expressão, brilhante no olhar em fogo, inimitavel, insubstituivel. A belleza da execução do seu papel n'esta opera-comica, é mais uma pedra preciosa para a sua resplendente corôa de artista. José Ricardo, no nosso conceito e na paiz no seu genero, e a exacta corroboração do que dizemos vê-se claramente no desempenho do seu papel de Gaspar nos *Sinos de Corneville.* Como recompensa ao seu talento, os espectadores acolheram-o com repetidas salvas de palmas e chamadas, chegando quasi a delirio no fim do espectaculo. Depois de José Ricardo, em qualquer papel, não ha mais que ver nem mais que ouvir.

A Firmino foi distribuido um pequeno mas importante papel, de que, como sempre, soube tirar partido, e que lhe fez merecer calorosas ovações. Nem outra cousa era de esperar d'um artista de tanto merecimento, de quem tão bem firmados tem de ha muito os seus justificados creditos.

Setta da Silva houve-se, como em tudo em que o temos visto, com toda a precisão, com toda a perfeita habilidade que o distingue, com toda a correção e felicidade que o collocam a par de muitas distincções do theatro portuguez.

O tenor, que vimos pela primeira vez, tem uma apparencia sympathica e uma voz bastante apreciavel. Foi sempre bem, agradando geralmente.

Fantony foi vehementemente applaudida; e na verdade ninguem a excederia na distincção com que se houve, principalmente no primeiro acto, onde foi d'uma correcção indiscutivel, d'um mimo e naturalidade a toda a prova. A sala chegou a electrisar-se por vezes. E' que Fantony, com uma notabilissima intuição artistica, contribuiu com uma grande parte para o completo bom exito da peça, assignalando-se na belissima aria do 1.º acto, tendo um extraordinario successo em todas as que cantou mais.

Dorinda, sempre travessa, sempre d'uma gaiatice adoravel, excedeu toda a espectativa, tendo situações admiravelmente desempenhadas, cantando com esmerada perfeição todos os bellos trechos do seu importante papel, em alguns dos quaes foi d'uma felicidade espantosa, d'uma delicadeza inegavel.

Foi largamente applaudida, e com justiça, porque Dorinda é na verdade uma actriz de merito.

Gaspar foi tambem com subida comprehensão que disse o seu papel.

No fim do espectaculo, da plateia, dos camarotes, de toda a sala emfim, as palmas redobraram de enthusiasmo, as chamadas foram repetidas, e Alves Rente, J. Ricardo, Firmino, Setta, Dorinda e Fantony foram altamente considerados.

*

A D. Juanita foi a despedida da companhia, que, durante quatro noites seguidas, teve as mais animadoras e completas enchentes.

Em qualquer das noites, pouco depois das 8 horas, não havia já logares de qualquer especie, chegando a vender-se por bom preço algum de geral.

No desempenho d'esta peça, entraram Firmino, Joaquim d'Almeida, Setta da Silva, o tenor, Gaspar, Dorinda, Emilia Eduarda, Maria da Luz, Belmira e Thereza Prata.

Foram todos com notabilissima correção, merecendo menção especial Firmino, que fez um inglez com toda a arte que o distingue, um *beef* explendido, que lhe mereceu calorosos e justissimos applausos; Joaquim d'Almeida, que foi sempre com saliente graça e comprehenção; Setta, que nos deu um perfeito *baston de perruque* e um bello patriota; Dorinda, que foi admiravelmente em tudo, arrancando ardentes palmas em todas as variadissimas situações em que nos apparecia; Emilia Eduarda, que não podia interpretar melhor o seu pequeno e espirituoso papel; e T. Prata, que nos revelou muito aproveitaveis aptidões para o theatro.

A's 11 e meia terminava o espectaculo com ruidosos aplausos a todos os artistas. Alguns estudantes tinham-se previamente prevenido com flores, e atiravam-as bem como as capas e os gorros aos personagens do seu maior apreço, como já haviam feito na noite antecedente.

As quatro recitas da Companhia do Principe Real correram, pois, pela forma que dizemos, sendo muito para louvar os esforços que todos fizeram para conseguirem agradar, como agradaram, e muito para sentir que ainda hoje ahi não estejam representando.

Posse.—Seguiu para a Fronteira o nosso estimavel amigo, o snr. Silverio Augusto Barbosa de Magalhães, a fim de tomar posse do seu logar de escrivão e tabellião d'aquella comarca.

Novo edificio districtal.—Proseguem com actividade as obras de construcção do novo edificio districtal para as repartições publicas, no largo do Terreiro d'esta cidade. A cantaria, cuja falta durante alguns dias fizéra diminuir os trabalhos, já chegou em abundancia, e trabalha-se presurosamente no seu apparelho, para que não haja mais interrupção.

Procissão de Passos—Corre que não sahirá n'este anno esta procissão. Lastimamos, e queremos crêr, que as pessoas que superintendem n'isso tratarão de obter os meios A direcção resolveu que as reuniões ordinarias fiquem sendo agora quinzenaes, e que a reunião extraordinaria do Carnaval seja no dia 3 de março proximo, para o que está aberta já a competente subscripção.

Dias lindos.—Desde domingo que os dias correm aqui lindissimos, d'uma belleza e calor verdadeiramente primaveris, sem uma leve aragem fresca, parecendo quererem convencer-nos de que a quadra gelida do inverno já lá vae.

Pagaremos com usura tão grande bem? Será esta deliciosa bonança o prenuncio d'uma escabreada tempestade? Deus o não permitta.

Campo de manobras.—O nobre ministro da guerra prometteu adquirir brevemente nas proximidades d'esta cidade um vasto campo para os exercicios e manobras do regimento de cavallaria n.º 10, visto não haver largo ou esplanada com extenção bastante para isso.

Arborisação.—A camara municipal mandou proceder á reforma das arvores, que orlam as estradas e largos d'esta cidade.

A feira dos 17.—*Foi muito* concorrida a nova feira do Outeirinho, e promette ter um esperançoso futuro. Foi muito concorrida se não é que foi mesmo enorme a affluencia tanto de pessoas como de gados, e de objectos de commercio, deixando satisfeitos quantos a ella concorreram, porque do que ali se expoz á venda quasi tudo se vendeu. Em gados mesmo as transacções foram valiosas. Um comprador de gado de córte, um dos mais acreditados dos que frequentam as nossas feiras, o sr. Inocencio Esteves, comprou, só elle, dois wagons de gado, vendendo-se tambem muito para soga. Um amigo nosso teve o trabalho de relacionar tudo o que ali se expoz á venda e a relação que nos apresenta é a seguinte:

827 cabeças de gado gordo, 358 de soga, 263 de vacas, 211 de bezerros; 221 porcos de corda, 13 porcas com leitões; 2 barracas com fazendas, 19 com pano crú, 2 latoeiros, 3 lojas de cobertores, 2 com ferragens, 7 vendedores de plantas, 11 de cordas, 20 com galinhas, 43 com tremoço, 10 com batatas, 17 com cebolla, 9 vendas com vinho e comer; 27 canastras com fructa, 6 com sardinha, 2 com objectos de lavoura, 81 com cereaes, 27 com figo, 3 com louça preta, 23 padeiras, 143 egoas e cavallos, e 1 tanoeiro com barris.

E' muito para notar, que não ha exemplo de feira tão concorrida, esperando-se que a segunda, que cáe tambem a um domingo, o seja ainda mais, esperando-se muita gente de longe.

Que continue assim é o que todos desejam.

Mercado de sal.—E' ainda de 22:500 e 23:000 o preço do antigo barco de sal na ria ou a medida de 15,000 litros.

Os Duques de Bragança em Elvas.—Pittoresca e brilhante a revista de gados em Elvas, que foi favorecida por um dia formosissimo, d'um esplendor primaveril. Lindo o aspecto que se disfructava fóra da praça, em pleno campo.

Multidão enorme: cerca de sete mil pessoas se agglomeravam desde as portas de Olivença, até ao Calvario.

O pavilhão para a revista estava adornado com gosto e côr local: coberto de côlmo, adornado de cobrijões e de cintas. Tudo caracteristico.

Os srs. Duques de Bragança foram calorosamente acclamados pelo povo.

A marcha, a primeira no seu genero, seguiu á risca a ordem do programma. Os trabalhadores que conduziam os animaes trajavam á alemtejana.

Camponezes de Villaboim, Campo Maior, Barbacena e Terrugem estacionaram defronte do pavilhão, entoando cantigas:

Viva o principe D. Carlos
E a princeza D. Amelia;
O principe é um cravo
E a princeza uma camelia.

Viva a senhora princeza,
Que lá está no pavilhão.
Ella veiu a Portugal
P'ra alegria da nação.

Viva o duque de Bragança,
Filho de Luiz I.
E' de todos nós a esperança
E da corôa o herdeiro.

As canções das mondadeiras de Barbacena causaram furor:

No mez de março nasceu
O seu formoso menino;
Deus lhe dê bem longa vida
P'ra cumprir o seu destino.

N'este dia tão feliz,
Para nós não ha tristeza,
Tendo á vista o protector
Da lovoura portugueza.

Vimos aqui aldeãs
Pedir-vos a vós, senhora!
Como princeza que sois,
Protecção para a lavoura.

D'aldeia de Sant'Eulalia
São quem cantam as cantigas;
Outras coisas não podemos
Dar-vos, pobres raparigas.

A policia do campo era feita por lavradores a cavallo.

A policia a pé era feita por camponezes, trajando bota branca, polainas até aos joelhos, calção de velludo azul, cinta, jaleca, pau ferrado e fita azul e branca no braço.

O presidente da Associação agricola offereceu dois lindos *bouquets* ás princezas D. Amelia e D. Helena.

Um lavrador fez uma pega de cernelha. Foram atropelladas duas mulheres. Uma ficou com contusões, outra com uma perna fracturada.

Fechava a marcha um lindo carro, imitando um pombal; ao passar pelo pavilhão abriu-se, rompendo de dentro d'elle o vôo duzentos pombos. Houve então grande enthusiasmo.

Mais de cem lavradores a cavallo, levantando-se muitos vivas aos duques de Bragança e a toda a familia real, completavam o cortejo.

Suas Altezas, logo que chegaram á sua residencia, sahiram em seguida em direcção ao hospital para visitarem as duas mulheres. A princeza D. Amelia conversou muito tempo com ellas.

A' sahida do hospital foram novamente levantados enthusiasticos vivas.

Finalmente, foi uma verdadeira festa agricola coroada pelo melhor exito.

Scenas da emigração—Os engajadores, esses repugnantes mercadores de carne humana, continuam a fazer tão descaradas proezas, que se torna necessario empregar todo o rigor para pôr cobro ás suas infamissimas traficancias.

São extraordinarios os meios que elles empregam para enviar ao *matadouro* americano milhares e milhares de boçaes rapazes das nossas aldeias.

Dizemos ao *matadouro* americano, porque é sabido e incontestado que mais de metade dos desgraçados que vão para o Brazil como emigrantes, morrem aos primeiros seis mezes, de febres e miseria. E os restantes, se mais tempo duram, é para arrastarem uma pessima existencia, que finalisa sempre pela morte ao abandono, á excepção de dois ou tres por cento, que, por um prodigio de felicidade, conseguem, depois de muitos annos de soffrimentos e privações, voltar á patria, alguns com um pouco de dinheiro mas a maior parte só com rheumatismo e epathite.

Isto é sabido em toda a parte. Em cada uma das nossas aldeis, principalmense do norte do paiz, faltam dezenas e centenas de rapazes, que nos ultimos annos tem ido morrer desgraçados aos sertões do Brazil. Em toda a parte são conhecidos os embustes e as trapaças com que os pouco escrupulosos engajadores engodam as suas victimas. Mas apesar d'isso os nossos boçaes camponios deixam-se enganar todos os dias, e vão correndo alegres para o matadouro... se algam percalso policial os não detem á sahida da barra e os não faz ir para a cadeia reflectir na graude asneira que iam fazer. N'este caso gastam o pouco dinheiro que tinham, recebem o castigo de delictos, que mais se devem á estupidez do que á má indole, e soffrem muito antes de voltarem á vida trabalhosa, mas serena e saudavel, dos campos que abandonaram. E' esta ainda a melhor hypothese, porque se chegam a sahir a barra, não são transtornos e incommodos passageiros que os esperam, mas sim o desespero e a morte.

*

Ahi vae um exemplar das infamissimas trapaças com que os taes engajadores conseguem os seus fins.

João Manuel, um pobre lavradorzito de Villa Pouca de Aguiar, casado ha um anno com Maria da Gloria, principiaram a ser tentados pelo engajadores que lhes pintavam o mais risonho quadro das *riquezas*, que andam a rodo na terra da arvore das *patacas*. Elle tem 24 annos e ella 23; são ambiciosos; além d'isso a vida do campo é pezada, e a esperança de enriquecerem em pouco tempo deslumbrou-os. Resolveram pois acceitar os favores do engajador de Villa Pouca.

O engajador que recebe maior commissão pelas familias engajadas do que por gente avulso, disse-lhes:

— Para tudo ir bem, é preciso que arranjem um filho.

— Isso é que é difficil, já somos casados ha um anno e ainda não ha signaes d'isso...

— E' arranjar um rapaz qualquer que passe por seu filho, para terem todas as regalias de familia.

— Onde havemos nós de arranjar isso?!

— Está bom, preparem-se para a partida que eu arranjarei o *filho*, que devem levar comsigo.

Os pobres lavradores trataram de vender o pouco que tinham e prepararam-se para a viagem.

Quando se apresentaram ao engajador entregou-lhe este um rapazote de 15 annos *para passar por filho d'elles*, um passaporte para os tres, e os bilhetes de passagem para Lisboa, a fim de virem aqui embarcar a bordo do *Ville de Maranhão*.

O passaporte, tirado no governo civil de Villa Real, vinha em nome de —Manuel Joaquim Martins, 42 annos, casado com Luiza de Macedo, 43 annos, ambos da freguezia de Vrêa de Jalles, para seguirem para o Brazil, levando na sua companhia o seu filho Manuel Joaquim, de 10 annos.

E lá veio a pobre gente para Lisboa e deu entrada a bordo do *Ville de Maranhão*.

Quando a policia do porto foi a bordo, vendo que nem os signaes nem as edades da familia emigrante confrontavam com o passaporte, trouxe para terra os tres vijantes.

Interrogados na repartição de policia, declararam os seus verdadeiros nomes, e confessaram a verdade, lastimando a desgraça em que tinham cahido. Ahi vão pois para a cadeia, mais essas tres victimas da infame especulação dos engajadadores. Na Boa Hora gastarão o pouco que tinham, ficando depois a luctar com a miseria.

E não haverá meio de acabar com essa torpissima raça de mercadores de carne humana, que tantos braços está tirando á lavoura, e tantos incautos está votando á desgraça e á morte?

*

E' um caso muito extravagante o que vamos referir.

No dia 28 de janeiro, quando a policia do porto foi visitar o vapor «Anselm», que estava a partir para os portos do Brazil, encontrou a bordo um rapaz de cerca de 20 annos, que disse ter ido ali despedir-se de um amigo que seguia para o Rio de Janeiro.

Approxima-se o momento da partida do vapor e a policia mandou-o sair. Elle dirigiu-se para o portaló, mas quando suppoz que ninguem o observava, deu uma volta o desceu á camara. A policia, que tinha desconfiado d'elle, observava-o, e foi procural-o, dando com o rapaz escondido debaixo d'uma das mezas da sala de jantar.

Preso e conduzido para a alfandega, declarou que não tinha tido tempo de tirar bilhete de passagem, e que por isso fôra para bordo a fim de pagar a passagem depois do vapor sair e quando o não podessem deitar em terra, porque queria ir n'aquelle vapor; mas que tinha os seus papeis em ordem. E apresentou um passaporte em nome de José Alonso, 18 annos, natural da Galiza, e filho de Bento Alonso, já fallecido e de Anna Gomes. O passaporte era passado pelo governo civil de Villa Real; e o rapaz sustentava ser hespanhol e realmente fallava *gallego*.

A policia, porém, extranhando que um hespanhol viesse aqui tirar passaporte e suspeitando por outras rasões da veracidade do documento e das declarações, foi-o mandando para o tribunal, afim de ali se averiguar a verdade, e em todo o caso, para ser punido pelo delicto da desobediencia praticada a bordo, quando lhe foi ordenada a saida por não ser passageiro do vapor. E lá foi o rapaz para o tribunal, onde se afiançou sob o nome, que dava e tinha no passaporte, de José Alonso, subdito hespanhol.

Seguiu o processo.

*

Na quinta-feira, porém, por occasião da visita de saude do vapor *Ville de Maranhão*, a policia encontra Alonso a bordo, prompto a seguir viagem para Santos.

— Então outra vez a borpo?

— E' verdade, vou para Santos.

— Como arranjou isso?

— Ahi estão os meus papeis e o bilhete da passagem, tudo em ordem e muito legal.

— Vamos a ver essa habilidade.

E a policia encontra um passaporte legal, passado pelo governo civil de Lisboa, em nome de Manuel Pereira da Silva Abbade, 21 annos, natural de Villarinho do Bairro, concelho de Anadia.

— Mas quem é este Manuel Pereira da Silva Abbade?

— Sou eu proprio.

— Nada! Você é o Alonso, subdito hespanhol, e que tambem fallava o dialecto gallego!

— O outro passaporte tinha-o *comprado*, por não haver tempo de tirar os papeis, para poder seguir n'aquelle vapor; mas este é verdadeiro; porque realmente sou de Anadia e prestei fiança á reserva militar.

— Como é então que podendo obter agora papeis legaes, gastou ha tão poucos dias dinheiro para obter documentos falsos?

— Questão de pressa.

— De que lhe vae resultar grande vagar. Vae preso para terra.

— Mas os meus papeis estão legaes!

— Não ha duvida. Nós, tambem não prendemos o Manuel Abbade, que tem o seu passaporte regular e cujos signaes conferem perfeitamente.

— Então quem prendem?

— O Alonso. Aquelle Alonso *seu conhecido* que sabe fallar tão bem gallego, e que tem um processo em aberto na Bora Hora!

*

E lá voltou o diacho do rapaz para o tribual, por usar de nome supposto, e para se averiguar qual dos passaportes é falso, ou se ambos elles o são. E' mais uma victima da monomania da emigração. O pobre rapaz trazia umas 12 libras, que gastará ahi nos tribunaes, ficando depois na miseria, porque até se acha só com a roupa do corpo, pois a sua caixa, embarcada clandestinamente a bordo do *Anselm*, lá seguiu para o Brazil.

E as más aventuras d'esses não servem de experiencia aos outros!...

Phylloxera.—Alguns viticultores francezes teem ensaiado a mistura do oleo da distillação dos schistos bituminosos com o sulfureto de carbonio, para a destruição do phylloxera, e parece que teem alcançado bom resultado. A mistura dos dois productos, augmentando o tempo de acção do insecticida, produz um effeito mais seguido e constante sobre os mesmos insectos.

Despachos de correios e telegraphos.—Effectuaram-se os seguintes:

José Francisco Ferreira e Joaquim Pereira Duarte, 1.os distribuidores de Lisboa, suspensos de exercicio e vencimento por sessenta dias, por graves irregularidades commettidas no serviço, o primeiro a contar de 12 e o segundo de 13 do corrente.

José Augusto Gonçalves, guarda-fios auxiliar do cantão de Benavente, transferido por conveniencia de serviço para o cantão da Figueira de Castello Rodrigo.

David Augusto Lorena Queiroz, nomeado ajudante supranumerario para o serviço das estações urbanas de Lisboa.

João d'Assumpção Pereira d'Azevedo, idem para a direcção de Braga.

José Victorino Machado, nomeado pharoleiro supranumerario para o districto de Faro.

Pedro Teixeira dos Santos, nomeado distribuidor supranumerario do concelho de Arouca.

Hyppolito Vendeiro, idem do concelho de Coimbra.

Francisco José da Silva e Castro, idem do concelho d'Aviz.

Affonso de Castro Guimarães, idem do concelho de Villa Nova de Cerveira.

Manuel Roxo, idem do concelho de Coimbra.

O sr. Aarão Malheiro de Faria, nomeado mestre de guardas hydraulicas em Braga.

Nomeado ajudante effectivo do correio para Louzada, o ajudante supra-numerario do Porto, Benjamin Pinto de Carvalho.

Mandou-se pôr em execução a posta rural do concelho de Gouveia.

Nomeado distribuidor supranumarario do correio, em Penafiel, Paulino José Ferreira.

Nomeados ajudantes supra-numerarios para o correio do Porto, Augusto Cezar de Vasconcellos Cardoso e Antonio Alves Barreiro.

Emilia Villacampa—A agencia *Havas* diz-nos singelamente que morreu no presidio de Melilla o general Villacampa, chefe da revolta militar de Madrid, em 1885.

Quebrou-se-lhe a energia na humidade infecta dos presidios, definhou na sombra das prisões, envenenou o clima da Africa.

A nota mais dolorosa, mais dramatica, mais commovedora d'esta noticia lugubremente singela não vibra nas escassas palavras do telegramma, n'aquelle laconismo lugubre; vibra na reminiscencia e na alma de quantos tiveram noticia do *drama Villacampa*.

O que nós vemos logo n'esse lance que o cerebro advinha e reproduz n'um quadro lancinante, não é o general, com o seu uniforme de presidiario, em vez da farda brilhante que a justiça lhe rasgara na patria, não é Villacampa que nós vemos, frio, hirto, livido, sobre a tarimba do presidio.

O que nós vemos é a martyr gentil que ficou, a filha do revolucionario, o seu anjo da guarda nas agruras do degredo, aquella grande alma sublime de mulher, que encheu os ecos da Europa com o poema do seu immenso amor filial e da sua abnegam angelica.

São os olhos d'ella que nós vemos chorar, são os crepes da sua orphandade que mais nos impresionam do que a mortalha do presidiario, é a alma candida d'aquella heroica mulher, candida como as pombas, que nós sentimos despedaçar-se na phrase concisa d'aquelle telegramma.

Sobre o cadaver d'aquelle degredado—vemol-o todos com os olhos *turvos de pranto*—dobra-se a escorrer lagrimas o lyrio, alvo e fragil, que se chama Emilia Villacampa.

A piedade filial d'essa mulher foi de tal modo sublime, que n'esta hora de suprema dôr, a sua orphandade vibra um grito de dó em milhões d'almas, que apenas lhe conhecem o nome e a perigrina epopéa de abnegação e amor.

Pobre mulher, desventurada ingenua! Arrastou-se convulsa pelas ruas e pelas praças de Madrid, pelas escadarias de marmore do paço real, pelos degraus dourados do throno, a esmolar a vida do pae; salvou-o de ser fuzilado, mas imaginou que o seu amor immenso bastaria para o amparar no degredo e não cuidou talvez que lh'o envenenasse a atmosphera sombria do presidio!

Angustiada pela enfermidade grave do pae, ainda não ha muito que Emilia Villacampa esmolava outra graça misericordiosa—a transferencia do degredado para um presidio mais salubre.

Pobre mulher sublime! O degredado morreu. Agora cerrou-se com a tarja negra da orphandade a derradeira pagina da sua adorabel epopéa de amor filial.

Bismarck.—A'cerca da lucta travada entre o principe de Bismarck e o conde de Waldercee e o estado de saude do chanceller, escreve um correspondente em Berlim de um jornal de Paris:

«A lucta acirra-se. O conde que tem a protecção do imperador, trata de contrariar as medidas tomadas pelo chanceller contra os amigos do seu partido. Assim, conseguiu já abafar o processo da *Gazeta da Cruz*.

Falla-se de novo com insistencia do estado de saude do principe. Parece que não tem surtido effeita o tratamento empregado do dr. Westphal. O chanceller torna-se de dia para dia mais phrenetico. Qualquer ninharia o impacienta. Tem falta de appetite e insomnias. Trata com aspereza desusada os seus subordinados. Ha dias, consta, indignou-se porque o imperador o fez esperar um quarto de hora antes de o receber, dizendo que se tramavam intrigas contra elle. O seu estado de irritação augmenta. Vê inimigos em todos. Accusa M. de Munster de traição e M. de Hatzfeld de ser affeiçoado de mais ao imperador.

Os seus medicos receiam um ataque de apoplexia, ou de alienação mental. O principe queixa-se repetidas vezes ao dr. Schweninger de enfraquecimento geral e diz que não vive muito tempo. Taes são pouco mais ou menos os boatos que circulam a este respeito».

O principe Rodolfo—Dores de hoje e dores de hontem.—Uma nota divulgada pela imprensa franceza, e que deve ser dada sem commentarios, tanto mais que qualquer impressão pessoal sobre o caso seria uma impertinencia, pelo menos: Em 1882 foi executado, em seguida á sentença que o condemnou á morte, o irredentista estudante Oberdank, por suspeito de attentar contra a vida do imperador d'Austria. Por essa occasião, até, o grande Victor Hugo dirigiu ao imperador uma supplica e não foi attendido. Pois bem, o pae do archi-duque Rodolpho acaba de receber a seguinte carta:

Trieste, 8 de fevereiro.

Senhor:—Vossa magestade é um pae desgraçado. Lamento que a morte tragica do seu unico filho lhe levasse á alma o soffrimento despedaçador que eu, pobre mãe abandonada, experimentei na manhã de 20 de dezembro de 1882. Curve-se vossa magestade, como eu o fiz, perante a vontade suprema.—*A mãe de Oberdank*.

O futuro governo da França segundo Boulanger.—N'uma *interview* entre um redactor da *Tribuna de Genova* e o general Boulanger, este, depois de dizer todo o mal imaginavel do regimen parlamentar, manifestou assim o seu modo de vêr:

—O remedio, disse elle, está muito simplesmente, na volta d'um chefe de estado effectivo, responsavel, como o é o presidente dos Estados Unidos.

Unicamente, desejava que a duração do seu poder se prolongasse de 4 a dez annos.

N'um periodo semelhante póde-se fazer alguma cousa, isto é, proseguir a realisação completa d'um certo numero de reformas; é por este modo que eu queria poder reorganisar o nosso exercito, modificar completamente as nossas diversas administrações, que estão roidas pelo cancro da burocracia e sobretudo descentralisar tudo o que poder ser descentralisado sem enfraquecer excessivamente o prestigio do poder central. Seria preciso para isso, ressuscitar as nossas antigas divisões provinciaes, que correspondem melhor ao genio nacional do que os departamentos actuaes, os quaes se não baseiam n'outros dados do que o arbitrio administrativo que os concebeu.

—Mas como procederá um tal presidente, replicou o redactor, para governar em harmonia com a vontade popular?

— A cousa é muito simples, continuou o general. O presidente da Republica rodeiar-se-ha d'um *Conselho de Estado*, que fará as leis, ou antes os projectos de lei Estes ultimos, uma vez elaborados com cuidado, serão submettidos á approvação ou regeição d'um *Conselho nacional* de quinhentos membros, eleitos metade pelo suffragio universal, e outra metade pelos departamentos ou provincias. Este *Conselho* será uma assembléa não deliberativa, tendo apenas uma sessão d'um mez ou, quando muito, d'um anno. Os projectos de lei são enviados com um mez de antecidencia aos membros do *conselho d'estado*, e estes poderão estudal-os á vontade e apresentar as modificações que julgarem necessarias, sob a fórma de moções escriptas, que serão submettidas á votação do *conselho nacional*. Assim modificadas, as leis voltarão *ao conselho d'estado*, que as reverá, codificará e submetterá em ultima votação ao *conselho nacional*.

D'esta maneira, evitaremos as longas e ociosas discussões, que serão substituidas por sessões laboriosas no seio das commissões. Quanto ás provincias, estas terão á sua testa, em vez de prefeitos, um governo local nomeado por ellas, á semelhança do governo central. Este ultimo será sómente representado por um commissario geral, que terá o direito de *veto* para todas as medidas que estiverem em opposição com as leis geraes do paiz.

«N'este programma do general vê-se claramente a constituição de 1852, aggravada com uma maior somma de authoritarismo».

Uma exposição de jornaes.—Realisou-se ultimamente em Meiningen, uma exposição bastante singular. Compunha-se exclusivamente dos jornaes que continham artigos ácerca da morte do imperador Guilherme I.

Esta collecção representava nada menos de cincoenta e quatro linguas, entre as quaes, bem entendido, todas as linguas europeas com os seus diversos dialectos; além d'estas, achavam-se alli representadas a bengali, a indiana, a guzzarianna, a chineza, a japoneza, a hawaiana e grande quantidade d'outros idiomas ainda menos conhecidos.

John Bull.—Cada vez mais interessante o altivo bretão! Os leitores sabem já que John Bull nos quiz apanhar Lourenço Marques por meio de uma questão diplomatica. Tinha descoberto que era d'elle o direito de posse da bahia e levantou o pleito contra nós. John Bull é endiabrado para descobrir cousas. Tinha elle descoberto, provavelmente, Lourenço Marques, como descobriu o Nyassa e o Zambeze! A John Bull é que o sr. José Luciano devia dizer que não tinha descoberto a polvora, apesar de tantos descobrimentos. Mas, como sabem tambem, Mac-Mahon foi escolhido para arbitro no pleito e decidiu pela nossa justiça. John Bull ficou furioso e pregou dois soccos inuteis na carcassa do primeiro couraçado que apanhou a geito. Não desanimou, ainda assim, o teimoso de Joh Bull.

— Dez milhões de libras pela bahia, seus pelintras—gritou o bretão.

E nós demos esta altiva resposta:

— Não vendemos.

John Bull ficou como uma lagosta, e regougou:

— Pois conquiste-se Lourenço Marques. Pois ponham-se os portuguezes d'ali para fóra a pontapés ou a tiro.

E nós sorrimos tristemente da bravata. Nunca fomos povo para fugir aos pontapés e não somos nação que se expolie a tiro.

Fulo John Bull, sempre com Lourenço Marques no sentido, a lamber os beiços com o appetite, voltou-se para os *boers* e começou a insinuar-lhes que a posse da bahia seria necessariamente a grandeza do Transwaal e que preferissem o caminho de ferro para o Natal á via ferrea para Lourenço Marques. Parece que os *boers* não estiveram para cavallarias altas e John Bull cada vez mais guloso e mais fulo, fez agora uma descoberta mirabolante.

Portugal deve-lhe tres milhões de libras sterlinas, generosamente esquecidos, e é tempo de liquidar essa continha. Lourenço Marques póde passar-lhe para as unhas, pela divida.

Receberá a conta em genero, em terras, em bahia. Já não é pequeno o favor. Delicioso John Bull! Estás phantastico. Pois vamos á liquidação, mas olha que se nós fizermos as contas, como as fez o barão da Ribeira de Sabrosa, ainda nos ficas a dever dinheiro.

Bem vês que estas a receber os rendimentos da cidade de Colombo, na ilha de Ceylão, d'essa cidade que é nossa, como Lourenço Marques nunca será tua. Bem sabes que esta propriedade nos foi reconhecida no tratado de Vienna, em 1815 e que a não restituiste, carissimo John Bull.

Entretanto, para te arreliar, sempre te diremos a respeito da descoberta da divida e dos teus frustrados planos: *All right*.

A loucura d'um doutor.—O doutor X..., residente na rua Pauquet, 21, Paris, está atacado d'uma loucura muito especial: vê por toda a parte pessoas oxycarbonadas, e quer cural-as á força por meio de um apparelho de oxigenio, que elle manda transportar n'um carro.

Se os individuos a quem se dirige lhe respondem que passam bem de saude, o dr. diz-lhe inevitavelmente:

— Ah! os srs. julgam ter boa saude? Mas não vêem, desgraçados, que se estão definhando dia a dia, que estão á beira do tumulo!

Se o doutor X... se limitasse a responder por essa fórma ás recusas das pessoas que elle quer tornar suas clientes, a sua loucura seria inoffensiva, mas, depois de ter fallado com brandura, o louco exalta-se, ameaça e chega mesmo a lançar as mãos ao pescoço d'aquelles que pretende curar. Eis um benemerito incommodativo!

O SERVIÇO DOS CORREIOS NAS DIRECÇÕES DOS DISTRICTOS, FÓRA DE LISBOA E PORTO

Nunca podémos conformar-nos com a fórma porque actualmente se desempenha o serviço postal nas differentes direcções dos districtos, onde o pessoal technico dos telegraphos tem de desempenhar simultaneamente o serviço de apparelhos e o de manipulação de correspondencia, qual d'elles mais diversos e complicados. Foi sempre opinião nossa, que desde que nas sédes de direcções exista um empregado quasi exclusivamente postal, era a esse empregado e não aos empregados telegraphicos, já muito sobrecarregados de trabalho e com pequenissimas folgas, que devia incumbir-se não só a superintendencia do serviço postal, mas ainda toda a manipulação e factura de correspondencias officiaes e registadas.

O actual encarregado de serviço, que nas sédes dos districtos é para todos os effeitos o chefe da Estação, é o unico responsavel pelo rigoroso cumprimento de todas as instrucções, leis e regulamentos, e nunca lhe póde chegar o tempo para vigiar com escrupulo e attenção todos os ramos a seu cargo.

Parece, pois, razoavel, que as responsabilidades do serviço postal fossem confiadas aos fieis das direcções e as do serviço telegraphico aos encarregados de serviço. Ficariam assim bem delimitadas as attribuições de cada empregado e o serviço lucraria com esta razoavel divisão do trabalho. Se o fiel é, como se sabe, um empregado quasi só dos correios, porque não ha de ser elle o encarregado do serviço postal, aliviando assim o penoso encargo dos encarregados de serviço?

Se, pela actual organisação, ambos tem a cathegoria de 1.os aspirantes, que duvida poderia suscitar esta nova divisão de attribuições?

Bem sabemos que d'esta superintendencia adviria aos fieis uma nova responsabilidade e muito mais trabalho. Mas a verdade é que, sendo elles os unicos incumbidos dos registos, encommendas, emissões de vales, do mais importante serviço postal, em summa, é exclusivamente a elles que deve competir toda a direcção do serviço postal. E agora que parece pensar-se na creação dos logares de 3.os officiaes, não vem fora de proposito lembrar a conveniencia de ordenar-se que se dividam as attribuições do encarregado do serviço por este funccionario e pelo fiel, ficando este encarregado do serviço postal e aquelle do serviço telegraphico, ambos na cathegoria de 3.os officiaes.

Ahi fica a lembrança consignada, e da sua utilidade fallaremos mais largamente na sua opportunidade.

O DR. ALEXANDRE DE SEABRA

Escrever a biographia de tão ingente vulto na jurisprudencia do nosso paiz afigura-se-nos tarefa muito difficil, attento os exiguos e limitados conhecimentos litterarios que ornam a nossa modesta penna. E' verdade que nós não pretendemos vir para aqui fallar circumstanciadamente da vida d'este benemerito cidadão; o que vamos muito resumidamente fazer é mostrar bem publico algumas virtudes que enobrecem o seu honrado caracter.

*

Alexandre de Seabre, como jurisconsulto, occupa um glorioso logar no sapientissimo pedestal da jurisprudencia patria. Leia-se o famoso jornal o *Direito*, que lá se encontra bem claramente a sua competencia para occupar tão grandioso logar. O Codigo do Processo Civil, essas tantas paginas cheias de sciencia, elaborado por elle, attestam sufficientissimamente a sua capacidade muito rara e não encontrada em muitas balofas intelligencias, que se espraiam por esse paiz fóra, sem darem conhecimento visivel da sua sabedoria.

O governo, então regenerador, como retribuição de seus grandes serviços, quiz agracial-o com o titulo de conde. Ora Alexandre de Seabra, que nunca quiz sobresahir por meio de mercês honorificas, repelliu essa dadiva, como é de seu grandioso caracter.

Não quer ser fidalgo, e faz muito bem, porque mais glorioso e altivo é o nome de Alexandre de Seabra, que o de quantos condes, e marquezes existem no orbe terraqueo.

A fidalguia, na epoca actual procura-se no caracter de homem e não nos seus inuteis pergaminhos. Os fidalgos d'hoje teem por baluarte o luxo e a riqueza, ao contrario dos da antiguidade, que colhiam fidalguia nos campos de batalha, ao som do clarim, ao ouvir o troar do canhão, e respirando o abafado fumo da polvora.

Assim entendemos nós a nobreza. A fidalguia, pois, de Alexandre de Seabra, é o seu honrado caracter e a sua notavel intelligencia.

*

Como politico tem sempre obrado dignamente, acompanhando o concelho na sua solida e commum opinião. Alistou-se nas fileiras do partido progressista e tem militado semp e n'ella com o denodo que lhe é tão peculiar.

Alexandre de Seabra é, sem duvida, o primeiro homem do nosso districto. Ainda assim não faz baluarte da sua illimitada influencia. Respeita a lei e obra com ella e por ella. Assim entendemos nós os homens.

Não ha ninguem que lhe aponte na sua carreira, quer politica quer juridica, um facto que desvirtue tantos outros que o teem elevado ao mais culminante ponto de gloria. Os homens do seu concelho devem-lhe innumeros favores, porque para tudo o teem sempre a seu lado.

Se o concelho d'Anadia conta alguns melhoramentos materiaes, são devidos á boa vontade de Alexandre de Seabra. E' pois a elle e só a elle, que os devem: a mais ninguem.

Eu queria ter uma penna d'ouro e os precisos conhecimentos, para poder descrever amplamente as virtudes que exaltam a vida feliz de Alexandre de Seabra. Mas como, por minha infelicidade, só tenho a tosca pena da nullidade literaria, não posso explanar mais os meritos d'esse veneravel e honrado cidadão. Ainda assim, n'este pequenino e fraco trecho, mostro muito claramente o que faria se a isso me ajudassem os elementos de que careço.

A.

NECROLOGIO

Já aqui démos a triste nova do fallecimento d'um dos mais prestimosos e dedicados membros do partido progressista do concelho da Feira, o sr. Manuel Pinto de Almeida, e hoje completamos essa noticia com o que publicou um collega nosso, que é o seguinte:

Manuel Pinto d'Almeida, capitão da 6.ª companhia do extincto batalhão *Nacional de caçadores da Villa da Feira* por decreto de 19 de janeiro de 1841, commendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e fidalgo cavalleiro da Casa Real, nasceu a 18 de junho de 1823, e falleceu a 10 de fevereiro de 1889.

Foi vereador da camara municipal do concelho da Feira em repetidas eleições; foi presidente d'ella e tambem serviu o cargo de administrador do concelho, e em varios annos umas vezes membro outras presidente da commissão do recenseamento, e assim procurador á junta geral do districto. Era geralmente considerado e respeitado em todo o concelho e fóra d'elle. Caracter bondoso, affavel e lhano, honrado e nobilissimo, e cidadão prestante. Era um dos mais valiosos chefes do partido progressista no concelho e dedicadissimo o antigo amigo do actual presidente do conselho de ministros, o excellentissimo conselheiro José Luciano de Castro, a quem sempre acompanhou desde que este cavalheiro entrou na vida politica. Era o presidente do centro do mesmo partido do concelho.

Por sua conhecida influencia na freguezia de que era natural (Paços de Brandão) começou em 1868 a solicitar donativos, além dos proprios, para fazer dotar a igreja parochial com alfaias, a maior parte de prata, e paramentos, collocando-a em condições de não se pedirem objectos emprestados para funcções publicas.

Promoveu a viação na freguezia, construindo á sua custa um lanço de estrada desde o largo da igreja parochial até á porta de sua casa, sendo depois prolongada, com subsidios por elle obtidos, até á freguezia de Rio-meão. Promoveu emfim diversos melhoramentos materiaes por diversos pontos do concelho e nomeadamente na praia de Espinho.

Ao enterro concorreram representantes de todas as freguezias do concelho e de fóra d'elle. Os parochos das freguezias circumvisinhas mandaram fazer signaes nas suas egrejas.

Assistiram ao funeral, que foi imponente—a camara municipal, administrador do concelho, juiz de direito e seus empregados, escrivão de fazenda, recebedor do concelho, regedores e mais auctoridades do concelho, todos os parochos e a maior parte dos ecclesiasticos do concelho e de fóra d'elle, irmandades e confrarias da freguezia. Todos os estabelecimentos industriaes e agricolas fecharam e suspenderam.

Concorreram tambem com manifestações de sentimento todos os cavalheiros do concelho, sem distincção de côr politica, porque o finado só tinha por timbre fazer bem e ser agradavel a todas as pessoas, sem distincção de classes nem condições.

Recebeu a chave do caixão o seu amigo desde a infancia, o commendador sr. Joaquim de Sá Couto.

Deixou a represental-o a viuva sr.ª D. Maria Augusta d'Azevedo e Pinto, e seus dous filhos srs. Manuel Pinto e Almeida, proprietario em Lisboa, e Augusto d'Azevedo Pinto e Almeida, secretario do tribunal administrativo do Porto.

No que ahi fica transcripto está a prova cabal do muito que valia o sr. Manuel Pinto, dos importantes serviços que prestou ao seu concelho e quão pranteada foi a sua prematura morte. O nome de s. ex.ª será sempre lembrado com saudade por todos os que o conheceram e nunca esquecido pela terra que o viu nascer e que elle tanto amou: sirva isto ao menos de lenitivo para a dôr que dilacera todos os seus.

AOS SRS. CHEFES D'ESTAÇÕES TELEGRAPHO POSTAES DE 4.ª E 5.ª CLASSES DO PAIZ

Presadissimos collegas.—Permitti que eu, humilissimo membro da respeitavel corporação dos correios e telegraphos,—que em seu seio deve contar-nos, cometta o arrojo de elevar até á vossa presença minha debil voz, tão desauctorisada quanto sincera, pedindo-vos, por julgar propicia a occasião, que tambem deis signal de vida.

Como vedes, move-se quasi unanimemente a briosa classe d'empregados dos correios e telegraphos, renovando instancias anteriormente feitas no sentido d'obter melhoria de situação. Nada mais justo. E se por ventura algum de nós deixar de cooperar com elles, permanecendo n'um indifferentismo, que vae descambando para a inercia, não nos devemos depois queixar da sorte adversa.

Parodiando rifões populares, diremos:—Aquelle que não chegar a braza á sua sardinha, corre o risco de a tragar crua.

Todas as pessoas que olham com interesse o serviço publico, reconhecerão que os funccionarios telegrapho-postaes estão mal retribuidos, tendo em consideração a importancia do trabalho que a nação d'elles exige e as tremendas responsabilidades que sobre os mesmos pezam. Comparando-os com outras classes de servidores do estado, resulta uma disparidade enorme.

Assiste-lhes o sagrado direito de petição; e elles sabem manter a sua supplica nos limites da cordura e da dignidade.

Prognosticamos-lhe bom exito; e até nos parece ter chegado já a nossos ouvidos o rumor de que as coisas correm muito lisongeiramente. Estimamos; mas... reflexionemos um pouco.

Diz-se que ha bem fundadas esperanças de augmento de vencimentos a todos os srs. *aspirantes*, e mais empregados, sem excepção, *dos respectivos quadros... dos respectivos quadros, note-se*.

Parece ter-se evidenciado que nos quadros referidos existem individuos em mui precarias circumstancias, impossivel até de permanecerem assim longo tempo, tal é a carencia de meios em que estão! E, para reforçar este argumento, apontaram-se, como maiores victimas do mal estar, um sr. aspirante auxiliar e um ajudante do quadro fóra de Lisboa e Porto, parecendo ter-*se dito a ultima palavra, no sentido*—necessidade.

Pedimos licença para contestar esta opinião.

Dentro da corporação dos correios e telegraphos, ha duas ordens de empregados admittidos em 1886 (posteriormente á organisação de 29 de julho do dito anno) que estão peior, muito peior do que os apontados á clemencia superior,—os chefes d'estação de 4.ª e 5.ª classes, a quem, sem duvida por se não alargarem os quadros, classificaram *d'estranhos* aos mesmos.

Sempre *receiámos* da denominação —*alheio*; como, porém, necessitavamos de meios, appanhamos o que podémos, não obstante termos a recommendar-nos 8 annos de serviço militar —mais de 6 como sargento, com a medalha de comportamento exemplar, e 3 de serviço na fiscalisação aduaneira,—onde, em commissão especial de serviço, obtivemos uma portaria de louvor; pois assim viamos que nos davam 155000 reis mensaes, pelo menos.

E alguem mais competente do que nós o mesmo pensou, pois a principio recebemos inteiros os vencimentos mensaes. Resolvido que foi, porém, serem os *estranhos* tão *filhos das leis*, como *os de casa*, para o effeito de contribuirem para os encargos do estado, descontos para: imposto de rendimento, caixa d'aposentações, direitos de mercê, emolumentos de secretaria e sello, sello de recibo—tudo ao mesmo tempo; e mais: caução de 180$000 reis, —por uma só vez—(o chefe de 4.ª) o que obrigou a transacções particulares, quem, como o auctor d'estas linhas, não possuia tal quantia, nem coisa que a valesse, além das despezas inherentes ás escripturas e averbamentos do caucionamento!

Taes deducções effectuadas sobre 15$000 reis apenas, por mez, que vence o signatario d'esta exposição, que é chefe d'estação telegraphica, com serviço desde as 6 ás 8 da manhã e das 3 ás 9 da tarde, sem excepção de um dia no anno, e sem lhe approveitar o interval-o que tem de serviço, porque, além de lhe ser vedado occupar-se em misteres alheios á sua profissão, está fóra de povoado, collocaram-n'o em estado de não poder dispôr para as suas indispensaveis necessidades e de mais sete pessoas de familia (mulher e 6 filhos) mais 200 a 240 reis diarios!!

Não se exagera. Tudo se dirá pelos seus nomes, quando, com o reforço de factos e dados officiaes, mostrarmos á evidencia que o chefe d'estação de 4.ª classe, nomeado no espirito da lei de 29 de julho de 1886, e na mesma equiparado ao sr. aspirante auxiliar para o effeito de promoção a 2.º aspirante, póde muito bem ser encarregado de uma estação de 2.ª, 3.ª ou 4.ª ordem, pois as suas attribuições, como chefe d'estação, que tem attribuições, sob sua responsabilidade, em uma infinidade de assumptos que respeitam ao correio e telegraphia, não se consideram inferiores, de modo que tal cathegoria seja exceptuada de partilhar beneficios que pódem ser concedidos a individuos que já estão em melhores condições.

A todos os cavalheiros que teem de se pronunciar sobre tão momentoso objecto, qual é a pretenção dos empregados telegrapho-postaes pedimos, em nome d'uma bem entendidada equidade, tornem extensivas aos chefes de 4.º classe as vantagens concedidas ou a conceder aos srs. aspirantes a quem estão egualados na lei já citada, contemplando todos os que são empregados do mesmo ramo de serviço, acabando com o que se nos affigura anomalo—a tal denominação *d'estranhos* a empregados da mesma indole.

Proseguiremos, se vv. srs. redactores, nol-o permittirem, n'esta tarefa, até sermos—attendidos—ou não attendidos de vez.

A todos os meus camaradas, chefes de 4.ª e 5.ª classes rogo auxiliem, quem, na imprensa, mais pugnar pelos nossos interesses, que tão descurados me parece teem estado.

A todos supplica indulgencia por me ter tornado massador.

Elvas, 13—2—89.

Diogo Lino de Paiva.

SRS. CHEFES D'ESTAÇÕES TELEGRAPHO-POSTAES DE 4.ª E 5.ª CLASSES

Consta-nos que o ex.mo Francisco Xavier de Carvalho, illustradissimo chefe da Repartição telegraphica do Porto, e representante dos empregados dos correios e telegraphos do Norte, já partiu para Lisboa a conferenciar com a commissão que na capital promove os melhoramentos d'esta classe de funccionarios.

Ainda bem que esse benemerito, digno a todos os respeitos da nossa mais elevada consideração, aquiesceu ao pedido dos seus subordinados, que dos dotes de s. ex.ª tudo esperam.

Tambem nós, apesar de não termos a dita de estar perto de vulto tão venerando, pomos uma confiança cega nas suas rectas intenções.

E' caso para exultarem todos aquelles que anceiam por um remedio á sua difficil, se não impossivel situação pecuniaria. Com a interferencia de tão reconhecida auctoridade em assumpto que nos interessa, a nossa consciencia já se sente alliviada de um enorme pezo, que a esmagava.

Entre diversos alvitres, que nos dizem se teem apresentado para assentar as bazes da supplica ás côrtes, parece que tem mais vizos de realidade pedir a approvação de um projecto já apresentado na anterior sessão legislativa, segundo o qual, (que nos informam melhor a todos os individuos dependentes da direcção geral dos correios e telegraphos), os chefes de estações de 4.ª e 5.ª classes,—evidentemente os que luctam com maiores difficuldades na vida—*unicamente!* não só ficam como estão mas peior ficariam em condições d'accesso, caso passassem sem modificação alguma nas suas disposições. Transcrevemos o que vimos:

«Os logares de segundos aspirantes (em que já se contarão os aspirantes auxiliares, cuja fusão na mesma lei se pede) serão providos:

«Metade em aspirantes supranumerarios; um quarto em ajudantes do sexo masculino ou feminino; *um quarto em chefes de 4.ª classe!*»

(A exclamação e o sublinhado são de nossa casa).

Pelo n.º 4, artigo 52, da organisação approvada por decreto de 29 de julho de 1886, os chefes de 4.ª classe, egualados aos aspirantes auxiliares, para o effeito da promoção a 2.os aspirantes, teem um direito incontestavel a subir com elles, pela ordem d'antiguidade; e os aspirantes supranumerarios e os ajudantes, que eram providos em aspirantes auxiliares, (logares equivalentes aos que presentemente teem na escala d'accesso os chefes de 4.ª classe) ficam,—se a nossa memoria não erra, em muito melhores condições, convertendo-se em lei o referido projecto. Quer dizer, promulgando-se uma lei com effeitos retroactivos, os chefes de 4.ª classe, quer queiram quer não queiram, ficarão em peor circumstancias com o que não podiam contar os que já eram empregados.

Opportunamente faremos, com a lei na mão, uma breve demonstração das attribuições dos chefes de 4.ª classe, que nos parecem merecedores de melhor sorte.

16—2—89.

Um chefe de 4.ª classe.

CARTA DE LISBOA

18 DE FEVEREIRO DE 1889.

Parece que Lisboa vae ter uma obra monumental. A ponte sobre o Tejo, que até agora se suppunha não passaria de um sonho, tem hoje todas as probabilidades de se fazer, porque, segundo me consta, o contrato será brevemente assignado. O projecto está feito. A ponte começará em Arroyos. Terá dous taboleiros, um para peões e carruagens, outro para caminho de ferro. O caminho de ferro entroncará com o de Cintra, e ligar-se-ha com o do sul e suéste. A ponte será de tal altura sobre o Tejo, que não embaraçará a navegação dos navios de maior guinda. E' realmente uma obra monumental, de incontestavel conveniencia para a cidade, e que dará um grande realce á magestade do rio que banha esta cidade.

— Regressou a Lisboa o coronel do estado-maior de infanteria sr. Augusto Cesar Bon de Sousa, director dos telegraphos e pombaes militares, que foi ao Porto, inspeccionar o serviço telegraphico e escolher local para serem estabelecidos os pombaes. Tendo visto os quarteis d'aquella cidade e não achando em nenhum d'elles as condições necessarias, escolheu uma dependencia da fortaleza da Serra do Pilar, onde ficará um pombal de 1.ª classe, se o ministerio da guerra approvar o orçamente que sua ex.ª fez. Este pombal terá 5 direcções: Lisboa, Coimbra, Chaves, Valença e Almeida. Logo que se estabeleça o pombal, far-se-ha serviço entre Lisboa e Porto, devendo os restantes pombaes estabelecer-se quando o ministerio da guerra o determinar.

— Esteve n'esta cidade o dr. Gils, medico de 1.ª clase, cirurgião-mór do 123.º de linha, de guarnição na Rochella. O distincto medico francez visitou os hospitaes militares da Hespanha e veio expressamente a Lisboa visitar o hospital militar permanente e examinar o material de saude do nosso exercito. Por determinação do ministerio da guerra, foi o sr. dr. Cunha Bellem, cirurgião de brigada, encarregado de acompanhar o dr. Gils na sua visita ao hospital da Estrella e de o esclarecer ácerca do nosso serviço de saude. O dr. Gils ficou maravilhado do asseio e excellente ordem em que encontrou aquelle estabelecimento militar e confessou que, dadas as condições do edificio, não era possivel attender melhor e com maior solicitude ás prescripções da hygiene e ás commodidades dos doentes. Achou valiosa a bibliotheca do hospital, que tem mais de 2:000 volumes. Parece que, áparte a grandeza do edificio e certas dotações opulentas do hospital de Madrid, ha poucos dias destruido por um incendio, o da Estrella deixou muito mais bem impressionado o illustre medico francez. O dr. Gils foi tambem visitar o parque do serviço de saude, a Santa Clara. Elogiou muito os carros d'ambulancia e, muito especialmente, as macas rodadas. Foi ao quartel de artilheria n.º 4, cujo asseio e ornamentação louvou calorosamente; assistiu a uma lição de esgrima, viu distribuir o rancho e pediu para mandarem equipar uma praça em ordem de marcha. Notou que ao nosso soldado fosse possivel pôr a mochilla sem auxilio de outro camarada. O soldado francez tem uma difficuldade enorme em pôr e fixar a mochila, sem ser ajudado. O dr. Gils levou grata impressão do nosso paiz e dos nossos estabelecimentos militares, que teve occasião de visitar na sua brevissima visita a Lisboa.

— Attendendo á representação da camara municipal de Vagos, d'esse districto de Aveiro, foi determinado que no numero das estradas municipaes de 2.ª classe do referido districto seja incluida a estrada seguinte: Sôza (largo do Cruzeiro), Lavandeira (largo da Capella), Marco de Valle de Ilhavo.

— Já estão concluidas as espadas com que el rei vae presentear os imperadores da Allemanha e da Austria, coroneis honorarios de cavallaria 4 e de infanteria 5. As espadas vão em estojos de mogno, forrados de velludo azul.

— Chegaram a Lisboa mais dois praticos viticolas para as escolas de agricultura. Vão ser collocados nas de Torres e Bairrada.

— O sr. Joaquim Belfort, de Torres Vedras, representante dos negociantes francezes Bovreau e Andrieux, de Bordeus, tem realisado ultimamente compras avultadas de vinhos nas principias adegas de Torres Vedras e concelhos limitrophes. O sr. Belfort comprou no anno ultimo para França cerca de 15:000 pipas de vinhos.

— Concluiu os seus trabalhos o jury dos tabacos da secção agricola da exposição Industrial Portugueza. Encontraram-se algumas massarrocas do tabaco do Douro, com excellente folha de primeira qualidade.

— Não houve licitantes para o fornecimento de 5:000 castanheiros destinados á plantação da Serra da Estrella, e em vista do adiantado da estação teem de ser comprados particularmente, e vão sel-o.

— A Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta entregou no Banco de Portugal a quantia de 1:419$057 reis, proveniente do imposto de transito cobrado pela mesma Companhia no mez de dezembro proximo findo; entregou mais a quantia de 134$280 reis, producto do imposto do sello, cobrado durante o mesmo mez.

— Terminou a discussão do regulamento geral da ultima reforma das alfandegas. Consta que será publicado no *Diario do Governo* de quarta-feira, entrando em plena execução no dia 1 de abril. O regulamento, conforme o pensamento da reforma, proporciona consideraveis vantagens ao commercio e á navegação e simplifica muito o expediente aduaneiro. Para os pontos em que o regulamento interessa ao commercio, foi ouvida a Associação Commercial de Lisboa.

— Foi concedida a aposentação ao inspector dos incendios, sr. Carlos Barreiros, como requereu, em virtude de se achar, por doença, inutilisado para o serviço.

DECLARAÇÕES IMPORTANTES

FOSCOA, 15 DE FEVEREIRO.

E' brilhante e audaz o caminho que temos trilhado; destras, nobres e constantes as armas que temos manejado n'este combate pertinaz e interminavel contra a turba famelica dos regeneradores, composta de homens maculados com o desdouro ignominioso das ávidas harpias dos bens alheios. Na primeira correspondencia promettemos nós que envidariamos todos os esforços para sacudir os parasitas, fazendo-os mergulhar no lodo d'onde sahiram. Pois bem. Para patentearmos a sua deshonra e o seu descredito declaramos que na proxima correspondencia transcreveremos a participação dada em juizo pelo cidadão Antonio Joaquim d'Almeida Junior, ácerca do celebre processo d'arrombamento da recebedoria d'esta comarca na epoca de 1878 a 1879 e nas cartas seguintes a essa, mas só nos sabbados, publicaremos tambem os depoimentos em separado dos seguintes cidadãos: Visconde de Villa Nova de Foscôa, João Ignacio Carrapatoso, Antonio Augusto d'Almeida, Antonio José d'Almeida Freire, Antonio Joaquim de Castro, Abilio Cavalheiro, José Marçal Chiote e Antonio Julio Ferreira Margarlde. Entre estes depoimentos figurarão como principaes o do actual administrador do concelho na defeza e de Maria Ché na accusação. Declaramos que todos os depoimentos que tencionamos transcrever nos foram fornecidos por um nosso amigo empregado publico, residente n'esta villa ha annos, e que muito vão interessar o publico foscoense, que mais outra vez poderá analysar minuciosamente todas as circumstancias d'esse crime hediondo, bem como as astucias e os ardís do seu auctor para se esquivar á acção da justiça. Mais outra vez poderá o nosso trado rever ao espelho os depoimentos dos seus amigos de hoje, arremessados á sua fronte stigmatisada com o dezar do crime horrendo e abominavel, e o dos seus amigos de hontem.

Confrontal-os e estudal-os para que conheça se ha paridade entre elles, e se os de hoje se poderão sacrificar pelos seus interesses, como os de hontem, deve ser o seu primeiro cuidado. Depois de feita a sua analyse, creio que não virá declarar para este jornal, n'uma correspondencia que conservamos em nosso poder, que da seara da politica nunca quinhoou mais do que trabalhos e fadigas, desgostos e desenganos, appellidando de camaleões, assassinos e fantoches todos os progressistas e fazendo allusões menos dignas, verdadeiras e decentes ao reverendo abbade José Maria d'Almeida e ao sr. Antonio Augusto d'Almeida. Fique sabendo o nosso trado que quem se defende não insulta, e o insulto é a unica arma de que lança mão quem se não póde defender. A illustrada redacção d'este jornal, consultando o seu correspondente, houve por bem não publicar esse rosario de improperios a que se chamava defeza. Declaro que sou filho de Foscôa, mas não resido n'esta localidade. As peripecias politicas occorridas no seio da turba do Phoca e de que tenho informado os meus amaveis leitores por meio da minha humilde penna, só d'ellas tenho conhecimento por um meu amigo dedicado ahi residente. Militei sempre no partido progressista a quem devo a minha posição; tenho lido o *Jornal de Vizeu* que me provoca a gargalhada e admiro-me que os Foscôa não haja uma só pessoa capaz de refutar, de destruir e de aniquilar todas essas lengas-lengas com que se têm arranjado o nosso Mello Borges. Mas, concordo que o desprezo é a unica resposta a esses escriptos e que foi essa talvez a resolução unanime do partido progressista n'este concelho.

Para que responder a um homem que falla em probidade e honradez quando toda a gente conhece a sua vida e os seus costumes os mais depravados e corruptos! Para que responder a um homem que apregôa zelar com tanto afan o dinheiro do Estado, que, segundo elle diz, é ganho á custa do suor do contribuinte, quando é publico e notorio que elle e seu irmão José foram os unicos auctores do roubo da recebedoria e por conseguinte d'esse dinheiro que elle tanto diz zelar! Para que responder a esse maltrapilho infame, com medalha de engeitado, que queria assassinar o proprio pae, um velho sacerdote, um ministro da Egreja! Para que responder a toda essa vil canalha de salteadores do credito e probidade dos outros, se a sua vida é recheada de escandalos, de roubos, de infamias e barbaridades! Para que responder finalmente a esses miseraveis abutres que miram sómente desfazer a sua preza para lhe dar pasto! Bem haja, pois, o partido progressista, que nunca respondeu nem responde a taes porcarias.

Julião.

SECÇÃO SCIENTIFICA

CORREIOS E TELEGRAPHOS

Breves considerações sobre a civilisação e importancia para ella do serviço telegraphico.

II

A civilisação é o sangue que circula por a sociedade, a que lhe dá calor e vida.

Os progressos materiaes, seus mais bellos attributos, são os que levam o bem-estar a todas as classes, são os que fazem agradavel a existencia. As sciencias philosophicas teem elevado a dignidade do homem; as sciencias physicas teem-no redimido dos trabalhos do animal, melhorando a sua posição com o fructo da sua intelligencia. Cultivando aquellas, marchando sem soberba por o caminho da civilisação, o homem se levanta sobre os animaes e encontra prazeres puros que em vão intentará achar no gozo dos sentidos. A mão de Deus guia-a em seus novos destinos, e não o abandonará seguramente senão das suas aberrações. A soberba mata, a verdadeira illustração dá vida: tal deve ser o lemma da civilisação.

Sabeis quem são seus agentes mais poderosos? Sabeis quem rompeu moralmente as inexpugnaveis barreiras que antes separavam os povos fazendo impossivel a extensão da illustração? Vêde esses gigantescos barcos, que a impulsos do vapor deslizam velozmente sobre as agitadas aguas dos mares, contemplae as locomotivas penetrando nas entranhas da mais elevada montanha, admirae esses fios metalicos e mysteriosos que se cruzam por toda a parte: esses são os agentes poderosos que se agitam no leito do Oceano e atravessam o coração dos gigantescos Alpes. Sem elles as nações teriam continuado isoladas, e as grandes invenções de uns paizes não teriam passado as suas respectivas fronteiras.

O commercio nunca teria alcançado a brilhante esphera d'acção que hoje tem, a industria mover-se-hia em estreito circulo, as familias careceriam do grato consolo, do prazer puro d'essa correspondencia epistolar que nos traz diariamente parte do coração da pessoa querida.

Esta missão civilisadora começou-a primeiramente o correio. O seu desenvolvimento foi lento, porém o seu influxo grandioso.

Difundida a escripta, abaratado o papel, abertos os caminhos, o correio foi o primeiro agente universal da união dos homens e da prosperidade das nações, dando-lhe o vapor novo impulso, nova vida. O instincto social da humanidade viu na correspondencia publica a sua mais segura base, o phaeton cruzou em breve por todas as veredas das aldeias, e mais adiante o machinista conduzia o trem por os mais ricos centros de povoação e riqueza. Os homens, sentindo sempre o instincto do grande e do maravilhoso, procuraram desde os tempos mais remotos, e nas grandes crises, um meio especial de se communicarem entre si com inaudita rapidez e atravez do espaço: esse meio especial foi a telegraphia.

Convencionaram em certos signaes que do alto d'uma montanha, torre ou mastro, se recebiam por um vigia collocado em outro mastro, torre ou montanha. Os agentes officiaes entendiam-se assim nos seculos passados, e os governos poderam d'esta maneira accelerar as operações dos seus exercitos e das suas esquadras.

Isto que era muito, isto que era maravilhoso e a todos assombrava, não era nada em comparação das maravilhas e do assombro que o fluido electrico havia de produzir no seculo actual.

Ensaiados, aperfeiçoados, plantados e explorados os systemas electricos, pela primeira vez se abriram ao publico as encantadas portas da telegraphia, deixando de ser do uso exclusivo dos governos.

Os povos acercavam-se d'essas portas possuidos do temor que inspira o mysterio, depositavam silenciosos os seus telegrammas, e quando ao cabo de alguns minutos recebiam respostas de cem leguas de distancia, sentiam esse estremecimento de pavor e alegria que sempre produz o desconhecido, o maravilhoso.

Por outra parte, os governos estabeleciam novas linhas com a desconfiança do que, julgando sonhar, espera que em breve desappareça a illusão e com a duvida de que esses debeis fios, crusando solitarios por povos incultos, seriam por elles respeitados.

Bem depressa acabaram temores, desconfianças e preoccupações; bem depressa o mundo inteiro, ainda em seus mares mais profundos, viu crusar o magico agente para o qual o espaço e o tempo são duas mentiras.

SECÇÃO AGRICOLA

VIDOEIRO

O *Vidoeiro (Betula alba* Linn.), especie mais importante do genero *Betula*, que encerra perto de 25 especies espalhadas pela Europa, Asia central e boreal e America do Norte, é planta muito polymorpha, e tem dado origem a muitas sub-especies e variedades.

E' uma grande e formosa arvore de ornamento, ao mesmo tempo que, pela sua casca, é arvore florestal muito importante. O seu tronco direito é coberto d'uma periderme primaria, que persiste muito tempo e consiste em camadas alternadas d'um suber de cellulas tabolares, escuras, e um suber de cellulas grandes, cubicas, de paredes delgadas, repletas de ar, e que dão ao tronco um aspecto branco-prateado muito caracteristico. Os ramos novos são avermelhados, flexiveis e pendentes. As folhas são pecioladas, ovaes-triangulares, acuminadas, denteadas, verdes e lnzidias na face superior, e d'um verde pallido por baixo, glabras ou pubescentes.

A casca do *Vidoeiro*, que contém mais de 46 p. c. de resina e mais de 5,6 p. c. de acidos galhico e tanico, é empregada desde muito tempo no cortume dos couros, e hoje, em certos paizes do norte, como, por exemplo, na Finlandia, é objecto d'um commercio muito importante. Da mesma casca extrahe-se uma especie de alcatrão oleoso, que serve para untar o couro da Russia, dando-lhe o cheiro caracteristico que todos lhe conhecem.

A descorticação faz-se quando a arvore começa a entrar em vegetação, e é operação um pouco mais difficil do que para as outras arvores que se exploram pela casca. O periderme não tem utilidade alguma para o cortume; é, pelo contrario, a parte externa da casca, muito principalmente as camadas escuras de cellulas achatadas, que encerra a chamada *resina* ou *camphora de Vidoeiro* (betulina), que serve para o cortimento.

A sua madeira, branca, fina, brilhante, molle, difficil de fender, de pouca ou nenhuma duração, raramente é procurada para obras de marcenaria e carpinteria. Como combustivel produz excellente carvão, que se emprega na fabricação da polvora e dos chamados lápis de carvão.

Nos jardins cultiva-se uma outra especie muito ornamental, a *Betula purpurea*, que, pela sua folhagem de côr purpura escura, produz um contraste muito agradavel com a folhagem das outras arvores.

J. Casimiro Barbosa.

SECÇÃO LITTERARIA

O MENINO SEM CABEÇA

Esta narração foi-me feita por Phra-Penom, mandarim siamez, enviado ha dez annos a Non-Kay para fazer a guerra contra os Hôs, que haviam invadido Vien-Chan, violado os tumulos dos reis, demolido os *phra tia-di*, as grandes estatuas de Boudha, para roubar o ouro e prata que ali estavam occultas, e que, além d'isso, se queriam estabelecer nos ricos arrozaes de Vien-Chan. Phra-Penom, sendo encarregado pelo rei de Siam de reunir todos os documentos que podesse encontrar relativos á cidade de Vien-Chan, leu velhos manuscriptos, paginas de que infelizmente os Hôs queimaram a maior parte, decifrou as inscripções e interrogou os antigos do paiz para recolher as tradicções e as lembranças, pois que a ruina de Vien-Chan data apenas de ha 56 annos (1827) e eis o que elle me contou: Conservo o mais fielmente possivel a traducção litteraria da sua ingenua narrativa:

Um pobre homem que cultivava arrozaes em Vien-Chan teve um filho que não tinha cabeça. Apezar d'esta triste enfermidade, o menino cresceu, comia até muito, e tornou-se mais intelligente do que as outras creanças da mesma edade. O pae era obrigado a trabalhar como um mouro para o sustentar. Uma tarde, depois de elle ter cavado uma grande parte do seu arrazal, appareceu-lhe Pha-In, o grande anjo verde, chefe dos anjos, e perguntou-lhe quantos torrões tinha voltado durante o dia; o pobre homem ficou intendicto e não soube responder; nos dois dias seguintes Pha-In voltou a fazer a mesma pergunta, mas o agricultor não poude responder-lhe. Este cada dia voltava mais triste para casa; finalmente, ao terceiro dia, sua mulher perguntou-lhe:

— Mas que tens tu meu pobre marido, ha tres dias que andas muito triste?

— Vão-nos succeder grandes desgraças; ha tres disa que Pha-In vem á tarde, quando acabo de trabalhar, perguntar-me quantos torrões tenho voltado desde manhã, e não sei que lhe hei-de responder; elle voltará ámanhã, mas eu não posso contar todos os torrões que cavo durante o dia.

— Oh! disse a creança, que estava na cama, mas que não dormia e ouvia a conversa dos paes, se eu estivesse no arrozal teria respondido a Pha-In; leve-me ámanhã comsigo, que eu responderei ao anjo verde.

— Não te quererás calar, maluco, e tratar de dormir em vez de escutar o que nós dizemos, respondeu-lhe o pae; já viram este rapaz sem cabeça que quer saber mais do que seu pae!

— E' verdade, disse a mãe, este fedelho diz disparates, mas mesmo assim leva-o ámanhã contigo ao arrozal; talvez elle possa contar os torrões.

No dia seguinte, o menino sem cabeça acompanhou seu pae ao arrozal; mas em vez de se occupar a contar os torrões, adormeceu tranquillamente sobre o talude.

— Este maldito rapaz, dizia o pae, não não poderá responder a Pha-In.

A' tarde chegou Pha-In a cavallo como dias antecedentes, e fez a pergunta do costume. O menino sem cabeça disse-lhe:

— Esperae um pouco, eu é que vos vou responder.

— Não fallo comtigo, bregeiro, lhe disse Pha-In, trato com os homens e não com as creanças.

— Mas este homem é meu pae, e o filho póde muito bem responder em nome do pae.

— Está bem, responde-me então: quantos torrões voltou teu pae durante o dia?

— Mas, observou a creança, vós viesteis a cavallo, dizei-me primeiro quantos passos deu o vosso cavallo para chegar aqui?

— Eis uma creança intelligente, disse Pha-In, não encontrarei outra similhante.

E o anjo adoptou-a, levou-a comsigo para o ceo e desembaraçou, por aquelle modo, o pae d'esta creança, que comia tanto que o pobre homem não fazia outra cousa do que trabalhar para a sustentar.

(Trad.) *A. M.*

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 14

Officio do consulado portuguez da Bahia participando o fallecimento do commendador Agostinho Dias Lima, natural do concelho de Vallongo, considerado brazileiro adoptivo e instituindo no seu testamento diversos legados.

Diario de 15

Portaria louvando o sr. Antonio Baptista Gonçalves, proprietario em Braga, por haver doado á camara municipal da referida cidade uma casa e terreno na freguezia de Pedralva para se estabelecer uma escola.

Despachos de varios empregados para os correios.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Maranhão referida ao mez de maio de 1888.

Diario de 16

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado de Montevideu, referida ao terceiro trimestre de 1888.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Pará referida ao mez de maio de 1888.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio de Janeiro referido ao mez de fevereiro de 1888.

89

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Ditas estas palavras com a magestade propria do caracter de Ricardo Coração-de-Leão, todos os yeomens ajoelharam ante elle, prestaram-lhe juramento de fidelidade, e imploraram o perdão das offensas.

— Levantai-vos, meus amigos, disse-lhes Ricardo olhando para elles com mostras, de que o seu natural bom humor tinha já recobrado ascendente sobre o resentimento, que lhe tinha inspirado a perfidia de Waldmar Fitzurse, levantai-vos, os serviços que fizestes a meus vassallos opprimidos, ante os muros de Torquilstone, e o que acabais de me fazer a mim mesmo, fazem esquecer as faltas de que podestes tornar-vos culpados, levantai-vos, meus amigos, sede sempre leaes vassallos, e tratai de abraçar uma vida mais regular... Quanto a ti, bravo Locksley.

— Não me chameis mais Locksley, meu soberano. Meu amo tem direito de conhecer o meu verdadeiro nome, nome que, segundo temo, deve ter chegado bastantes vezes a vossos ouvidos. Eu sou Robin Hood, da floresta de Sherwood.

— Ah! ah! exclamou Ricardo, o rei dos *outlaws*, o principe dos bons companheiros? Quem é que não ouviu ainda esse nome? até á Palestina chegou. Mas fica certo, bravo Robin Hood, que nada do que podestes fazer durante a minha ausencia, e nos tempos de discordia, será jámais allegado contra ti.

— É justo, diz Wamba, que não queria perder a occasião de metter a sua colherada. Pois não diz o proverbio:

— Quando se vão os gatos
Fazem festa os ratos.

— Que é isso, estás aqui, Wamba? diz Ricardo: como te não ouvia, julguei que tinhas fugido ha muito tempo.

— Fugido! exclamou Wamba: quando é que vistes a loucura separar-se do valor? Eis o meu trophéo d'armas, aquelle bello cavallo cinzento, que eu desejava ver em pé, com tanto que o dono d'elle se achasse no seu logar. É verdade que ao principio cedi um tanto o logar, porque o meu gibão pardo não é uma armadura á prova de lança, como uma sáia de malha; mas se não combati como um bravo com a espada na mão, convireis commigo que toquei a investir como um homem.

— Sim, bravo Wamba, respondeu o rei, teus serviços não hão de ser esquecidos, recompensal-os-hei, como merecem.

— *Confiteor! confiteor!* exclamou com um tom de submissão outra voz perto de Ricardo... É todo o latim que posso achar n'este momento. Confesso as minhas faltas, e imploro a absolvição.

O rei voltou-se, e viu o alegre ermitão de joelhos, com o rosario na mão, e tendo junto de si o seu bordão de dous biccos, que não tinha dormido durante o combate. Não se via senão as alvas dos olhos do capellão, tal era o esforço que elle fazia para os elevar ao céu, esforçando-se igualmente por dar a sua physionomia um ar de profunda contrição. Mas havia um não sei que de jovial nas suas maneiras, que deixava ver que a sua devoção e o seu temor eram affectados.

— Ah! ah! és tu, santo ermitão de Copmanhurst, diz o rei, que tens que te inquieta? temes que o teu fregnez não perceba o zelo com que serves Nossa Senhora, e S. Dunstan? Não tens que temer: Ricardo d'Inglaterra nunca atraiçoou os segredos confiados ao pé do frasco.

— Muito gracioso soberano, diz o ermitão, bem conhecido na historia de Robin Hood debaixo do nome de irmão Tuck, não é a cruz que eu temo, é o sceptro. Ai! devia eu ser tão desfortunado que alçasse meu punho sacrilego sobre o ungido do Senhor!

— Oh! oh! diz Ricardo, é d'ahi que vem o vento! Com effeito tinha-me esquecido d'essa circumstancia! mas pergunto a todos os homens honrados que foram testemunhas da acção, se acaso te não paguei bem na mesma moeda? No entanto se julgas que te devo ainda alguma cousa, falla, e estou prompto a redobrar a dóse.

— De forma nenhuma, de forma nenhuma, replicou o irmitão; estou inteirado do que se me devia, e com usura. Possa vossa magestade pagar sempre tão complatamente as suas dividas!

— Se podesse pagal-as d'esse modo, nunca os meus credores sentiriam o thesouro vasio.

— Com tudo, diz o ermitão com ar d'hypocrisia, não sei que penitencia devo fazer pelo tal desgraçado murro!

— Não falles mais n'isso; recebi tantos na minha vida dos pagãos e dos infieis, que não teria razão de conservar o menor rancor contra o que me foi dado por um religioso tão santo como o ermitão de Copmanhurst. Comtudo, meu honrado irmão, persuado-me que, pelo teu bem e pelo da igreja, deveria desfradar-te, dar-te um logar nas minhas guardas, e confiar-te o cuidado da minha pessoa, em vez do de S. Dunstan.

— Meu digno monarcha, peço-vos humildemente perdão, e de certo m'o concederieis se soubesseis quanto poder tem sobre mim o peccado da perguiça. S. Dunstan, que a sua benção vos seja dada! S. Dunstan não fica menos socegado no seu nicho, quando eu m'esqueço de dizer as minhas orações para ir matar um gamo. Se passo a noute occupado não sei em qué, S. Dunstan não me diz uma só palavra. E' o amo mais docil, mais indulgente, e mais facil de servir que se póde dar. Ora se eu fosse um dos guardas do meu soberano, o que de certo seria uma grande honra para mim, que é o que aconteceria? Se acaso fosse consolar uma viuva d'um lado, ou matar um gamo d'outro lado: onde está este desfradado? diria um; quem viu o maldito Tuck? diria outro. O cão do frade dá cabo de mais gamos que todos os caçadores do condado, diria um guarda; e matta tambem as corças, diria outro. Emfim, meu gracioso soberano, nunca os meus credores sentiriam o thesouro vasio.

— Não falles mais n'isso; recebi tantos na minha vida dos pagãos e dos infieis, que não teria razão de conservar o menor rancor contra o que me foi dado por um religioso tão santo como o ermitão de Copmanhurst. Comtudo, meu honrado irmão, persuado-me que, pelo teu bem e pelo da igreja, deveria desfradar-te, dar-te um logar nas minhas guardas, e confiar-te o cuidado da minha pessoa, em vez do de S. Dunstan.

— Meu digno monarcha, peço-vos humildemente perdão, e de certo m'o concederieis se soubesseis quanto poder tem sobre mim o peccado da perguiça. S. Dunstan, que a sua benção vos seja dada! S. Dunstan não fica menos socegado no seu nicho, quando eu m'esqueço de dizer as minhas orações para ir matar um gamo. Se passo a noute occupado não sei em qué, S. Dunstan não me diz uma só palavra. E' o amo mais docil, mais indulgente, e mais facil de servir que se póde dar. Ora se eu fosse um dos guardas do meu soberano, o que de certo seria uma grande honra para mim, que é o que aconteceria? Se acaso fosse consolar uma viuva d'um lado, ou matar um gamo d'outro lado: onde está este desfradado? diria um; quem viu o maldito Tuck? diria outro. O cão do frade dá cabo de mais gamos que todos os caçadores do condado, diria um guarda; e matta tambem as corças, diria outro. Emfim, meu gracioso soberano, rogo-vos que me deixeis tal qual me encontrastes, ou se vos aprouver lançar a vossa benevolencia sobre mim, considerai-me como o pobre padre da capella de S. Dunstan de Copmanhurst, a quem a menor prova da vossa liberalidade será agradavel.

— Bem te entendo; concedo ao padre de S. Dunstan o direito de caçar nas minhas florestas de Warnclif. Toma sentido todavia que não consinto que mates mais de trez cabeças em cada estação, e, se esta licença te não bastar para matar trinta, não sou cavalleiro christão, nem rei de Inglaterra.

— Vossa magestade póde ficar certo que, com a graça de S. Dunstan, tratarei humildemente de obrar o milagre da multiplicação dos pães.

— Não duvido, irmão; mas como a carne é uma comida que faz sêde, o meu despenseiro terá ordem de te fornecer todos os annos um tonel de vinho das Canarias, outro de Malvasia, e trez de cerveja da primeira qualidade; e se acaso isso não podér mitigar-te a sêde, virás á minha côrte, e tomarás pessoalmente conhecimento com a minha despensa.

— E para S. Dustan? diz o ermitão.

— Destino-te ainda uma capa, uma estóla e um tapete para os pés do altar. Mas é preciso que as nossas loucuras acabem por tomar um caracter sério. Deus nos castigaria por brincar-mos com cousas de tanta gravidade.

— Oh! posso responder-vos pelo meu santo patrono, disse o ermitão com um tom jovial.

— Respondei por vós mesmo, irmão, clamou o rei com um ar severo. Mas, tomando immediatamente a sua serenidade, deu-lhe a mão, que o ermitão um pouco confuso beijou ajoelhando. Fazes menos honra á minha mão do que ao meu punho, lhe disse o soberano com um sorriso: contentas-te em ajoelhar para beijar uma, mas quando a outra te tocou, cahistes por terra.

O ermitão, temendo talvez offender de novo o soberano, prolongando mais a conversa com elle n'um tom familiar, falta que devem evitar com grande cuidado os que se chegam aos reis, saudou o profundamente, e retirou-se á parte.

N'este momento duas novas personagens appareceram em scena.

XLI

Tudo aos senhores d'alto gráu acode,
Que nem por isso vivem mais felizes.
Em passatempo alegre
Sob arvores viçosas,
Em qualquer bosque somos acolhidos.
Macdonald.

Os novos recem-chegados eram Wilfred d'Ivanhoé, montado na cavalgadura pertencente ao prior de Botolph, e Gurth, que figurava com um ar de importancia sobre o cavallo de batalha de seu amo. Ivanhoé ficou admirado e attonito vendo seu soberano coberto de sangue, no meio de seis, ou sete cadaveres, e rodeado de pessoas que lhe pareciam uma tropa de *outlaws*, cortejo assáz singular, se não perigoso para um soberano. Hesitou um instante se devia dirigir-se ao rei n'esta qualidade, ou se devia fallar-lhe ainda como ao cavalleiro negro; mas Ricardo conheceu o seu embaraço, e disse-lhe:

— Wilfred, Ricardo Plantagenet fez-se conhecer. Está rodeado de corações verdadeiramente inglezes, se bem que a sua exaltação os tenha trazido algum tanto fóra da ordem.

— Senhor Wilfred d'Ivanhoé, disse Robin Hood approximando-se, as minhas confirmações nada podem accrescentar ás do meu soberano; mas permitti-me que vos diga, não sem ufania que, entre todos os seus subditos, não tem nenhuns que lhe sejam mais fieis do que eu, e os meus companheiros.

— Assim o creio, bravo archeiro, disse Wilfred, visto que és do numero d'elles. Mas que quer dizer esta carnificina, estes mortos, e o sangue de que se acham cobertas as armas do rei?

— Houve traição, Wilfred, tornou-lhe o soberano, e graças a estes bravos, os traidores acharam a recompensa que lhes era devida... Mas quando penso n'ella, accrescentou elle sorrindo-se, vejo que vós mesmos sois um traidor, pois que me desobedecestes. Não vos ordenei positivamente de descançardes em S. Botolph ao menos até ámanhã, ou depois d'ámanhã, até que as vossas feridas estivessem perfeitamente curadas?

— E já o estão, disse Ivanhoé; e não são agora mais perigosas do que uma picada d'alfinete. Mas porque motivo, nobre principe, porque motivo dareis vós taes sustos aos vossos fieis vassallos? porque motivo exporeis a vossa vida correndo só as aventuras, como se ella não fôra mais preciosa do que a d'um cavalleiro errante, que só tem a lança e a espada por seu ganha-pão?

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

19 DE FEVEREIRO DE 1889.

Falla-se ainda na crize, ou melhor na recomposição ministerial, e d'alguma cousa se trata n'esse sentido, visto que é proposito firme no sr. ministro das obras publicas retirar-se do poder. Para que o não faça instam muitos amigos nossos; mas a sua vontade é superior a todos os desejos. Pois é isso muito para sentir, porque tarde—talvez nunca—terá o paiz um ministro d'obras publicas como Emygdio Navarro.

— Continuam as conferencias entre o governo e os membros da Companhia Vinicola do Norte para o accordo que tanto se deseja—accordo que se supõe completamente feito e a pleno aprasimento de todos. No momento em que escrevo estão os srs. conde de Samodães e Manuel Pestana conferenciando com os srs. presidente do conselho e ministro das obras publicas, sobre o assumpto, crendo-se que hoje mesmo ficarão destruidas todas as duvidas que ainda se oppunham á realisação do accordo—que pequenas eram já. E é de justiça confessar-se, que da parte d'aquelles cavalheiros tem sempre havido a melhor vontade de concorrer para evitar difficuldades ao governo.

— O modo porque a imprensa da opposição está tratando os seus adversarios politicos, indigna toda a gente séria e todos pedem para isto remedio prompto. A liberdade de imprensa não póde ser isso que se publica por esse paiz fóra, e necessario é que appareçam e de prompto medidas que ponham termo a este abuso da palavra escripta—abuso infame que não se admitte em nenhum paiz civilisado. Magoado decerto com o que se passa, escreve o *Correio da Noite* de hoje o seguinte:

«Se o paiz tivesse de ser julgado pela linguagem da sua imprensa, e pela fórma como os jornaes da opposição estão apreciando os homens publicos que mais serviços tem prestado ao credito e á prosperidade da nação, esse paiz estaria para todo e sempre condemnado, como já o foi o pinhal da Azambuja e outros valhacoitos de sinistra memoria. No que se diz e escreve, no que se affirma e propala, sem nenhum rebuço nem escrupulo, sem provas nem informações seguras, pelo simples desejo de diffamar e lançar suspeitas sobre tudo e sobre todos, accentua-se uma tendencia deploravel, fatal e injustificavel, que nos colloca aos olhos do mundo na mais critica das situações moraes. Sempre as opposições abusaram mais ou menos dos seus direitos e liberdade na aggressão politica aos ministros, pelo natural e legitimo empenho de os lançarem fóra do poder; mas nunca se viu o que se está vendo agora, nunca se escreveu o que se está escrevendo n'este momento. Excedem-se todas as medidas da convenicncia, preterem-se todas as normas do decoro. As accusações chegam a ser contraproducentes pela violencia do ataque e inoffensivas pela inanidade dos argumentos. E' por estes meios indecorosos que a opposição imagina poder deitar a terra os seus contrarios? E' cobrindo previamente de lama as instituições que ella conta servil-as e lustral-as? Suppõe acaso que para derribar governos não ha mais do que chamar ladrões aos ministros, e ridiculas ás indicações constitucionaes que os mantem no poder?

Se a diffamação fosse arma de lei e meio seguro para a conquista das pastas, então não haveria mais do que resar por alma do systema constitucional. Felizmente o bom senso popular vae reagindo contra estes processos de uma opposição desacreditada e perdida, e fazendo inteira justiça áquelles que, atravez de inumeras difficuldades, sabem sustentar com mão firme o credito da nação e a dignidade do poder!»

Tem razão o collega. Isto não póde continuar assim. Venham e já medidas que ponham termo a tão condemnavel procedimento. O desaforo é enorme e permittir-lhe a continuação será, além de escandaloso, prejudicial á ordem publica e ás instituições.

— Continuam os trabalhos para a fusão dos ramos serpaceos, esquerda dinastica & porto franco. N'estas ultimas noutes tem havido para isso reuniões em casa do sr. Lopo Vaz. Parece que na reunião de sabbado trataram da distribuição das pastas, caso o ministerio se demitta. Terão porém de ficar com obra de fancaria na loja. A situação continua firme; apenas vagará a pasta das obras publicas, porque o actual ministro insiste em sair do gabinete. E só por que insiste sahirá.

— Sua alteza o principe real vem hoje a Lisboa, regressando depois a Villa Viçosa por Extremoz, onde vae tomar parte no congresso agricola como lavrador. O congresso tem por fim tratar da formação definitiva da Liga Agraria do Baixo Alemtejo. E' muito para louvar o movimento agricola que em toda a parte se nota. Fundar povoações no Alemtejo—povoar aquella região importante—devia ser o maximo cuidado dos governos. E a missão não é difficil se houvesse boa vontade. Povoar o vasto Alemtejo e semear de penisco, pelo menos, os vastissimos maninhos do continente, nem é caso difficil, nem largamente despendioso. Uma pouca de boa voutade, e pouco mais, fariam tudo o que n'este sentido precisa fazer-se e convém que se faça.

— Não é verdade que o sr. infante D. Augusto vá convalescer ao Algarve. Sua alteza vae muito melhor e espera-se que aqui mesmo complete o seu restabelecimento.

— Está felizmente restabelecido do incommodo que soffreu o sr. Fernando Mattoso Côrte-Real, o que é motivo de prazer para os seus amigos e para os de seu respeitavel pae.

— Parece que vae ser agraciado com o titulo de conde da Aurora o sr. José de Sá Coutinho, muito digno juiz da relação do Porto.

— Parece que o sr. Simões Dias vae fundar aqui um novo jornal cuja feição será progressista como sempre o tem sido o seu proprietario. Denominar-se-ha *O Nacional* e será folha da manhã.

— Disse-lhe na minha anterior que Lisboa ia em fim presenciar a realisação d'uma grande obra, que será talvez, se não é de certo, uma das primeiras da Europa. E' a ponte sobre o Tejo. Sobre tão importante assumpto ha o seguinte:

Os srs. E. Bartissol e F. Seyrig fizeram um estudo d'esta monumental obra, cujo projecto publicaram em um folheto que distribuiram pela imprensa. O estudo é acompanhado por tres plantas explicativas. A ponte deve ser lançada da Rocha do Conde de Obidos ao castello de Almada, e ligar por meio de taneis e viaductos com a estação central do Rocio por um lado, e com a estação do Barreiro pelo outro. D'esta fórma tanto os passageiros como as mercadorias poderiam seguir desde o Algarve até ao centro de Lisboa sem o mais pequeno incommodo de trasbordo. A ponte propriamente sobre o Tejo deverá ter 8 grandes arcos, sendo 4 de 300 metros de bocca, 3 de 160 metros e 1 de 150. Os 4 arcos principaes de 300 metros devem ter de altura 45 metros nas marés altas e 49 metros nos baixa-marés. D'este modo darão passagem mesmo aos maiores navios. Além da via ferrea, a ponte terá uma via para carros e peões, tendo esta via 8 metros de largura ao centro e dois passeios lateraes de 1 metro e 50 cada um. As estações entre Almada e Barreiro seriam na Cova da Piedade, Alfeite e Seixal. A ponte deverá ser toda construida de aço e ferro Zorés; e os auctores do projecto, além da segurança da obra, attenderam tambem á parte esthetica, como se vê do perfil da ponte, que acompanha o folheto e que é d'uma suprema elegancia e bom gosto. Segundo os calculos dos dois engenheiros as despezas serão as seguintes: Dois tunneis, tendo os dois juntos a extensão de 1:100 metros—2 milhões de francos; estação e viaducto na rua de S. Bento —500 mil francos; 10 kilometros e meio da linha de Almada ao Barreiro —2 milhões de francos; duas pontes no Seixal e Barreiro—800 mil francos; nivelamento no Barreiro—200 mil francos; material circulante—500 mil francos; ponte no Tejo—40 milhões de francos. Total da obra—46 milhões de francos a que se deve accrescentar mais 4 milhões para os casos imprevistos, expropriações e juro do capital durante a construcção. Quer dizer, que esta obra que será sem questão alguma a mais notavel do seu genero em todo o mundo, custará em dinheiro portuguez apenas 9:000 contos de réis. Os srs. Bartissol e Seyrig calculam a annuidade de 152:793$600 réis daria para o juro e para a amortisação do capital em 99 contos. Calculam mais a receita desde já provavel de 1 milhão e 100 mil francos, descontadas as despezas da exploração, o que constituiria o *deficit* annual em 260 contos approximadamente.

— Os papeis da recebedoria de Cezimbra que foram queimados pela população por occasião dos ultimos tumultos, comprehendem todos os conhecimentos de cobrança até 1887 com excepção dos que foram remettidos para a camara afim de se proceder ao relaxe judicial. O valor representativo dos conhecimentos queimados é calculado em cerca de 10:000$000 réis, e pode considerar-se incobravel a importancia de 6:000$000 réis. Os conhecimentos das contribuições posteriores, bem como algum outro que tinha sido entregue ao proposto pelo novo recebedor Vieira de Mattos foram salvos.

— Foi nomeado para fazer uma syndicancia á recebedoria de Cezimbra, e tomar conta dos valores ali existentes, o escrivão de fazenda addido ás contribuições directas sr. João Caetano Pereira, que estava em Almada procedendo á transição da recebedoria para o sr. Vieira da Motta, que vai substituir, como é sabido, o sr. Marcos Ferreira Pinto Basto, por este ter pedido a demissão.

— Foi approvado o projecto e orçamento do lanço da estrada real n.º 43 A, de Vizeu a Oliveira do Bairro, comprehendido entre Fonte da Cruz (no Couto de Cima) e Queirã, na extensão de 6:729^{m},85.

— A junta consultiva de obras publicas foi de parecer que fosse ouvida a direcção da 2.ª circumscripção hydraulica, sobre o ante-projecto da ponte sobre o Vouga, elaborado pelo sr. director das obras publicas d'ahi.

— Foi offerecido ao sr. ministro da guerra, por uma casa austriaca, um novo explosivo denominado *Ecrasite*. Vai ser ouvida a commissão do aperfeiçoamento da arma ácerca da conveniencia da adopção do mesmo explosivo.

— Partiu para Moçambique o prelado d'esta diocese monsenhor Dias Ferreira. Leva comsigo 4 missionarios.

— No dia 1.º de março retiram da escola pratica de infanteria e cavallaria os officiaes e sargentos dos differentes corpos que foram ali receber instrucção.

— E' na proxima quinta-feira, 21, que sae o primeiro numero do *Varino*, semanario de critica em que collaboram alguns dos nossos mais distinctos homens de lettras. A apparição do novo jornal tem sido retardada por motivos imprevistos e alheios á vontade dos seus proprietarios.

— Cahiu o ministerio francez e o chefe do poder procura formar outro que satisfaça ás exigencias da França menos pacifica. Boulanger entretanto vae seguindo o seu caminho, não podendo por emquanto prever-se onde o levará o destino. Por emquanto porém as auras populares são-lhe favoraveis.

— A imprensa hespanhola abriu uma subscripção a favor da filha illustre do infeliz brigadeiro Villacampa —d'essa heroina que faz a honra do seu sexo, porque é um notavel exemplo do mais acrisolado amor filial.

— Em consequencia de uma baixa nos mercados de trigo dos Estados-Unidos teem-se ressentido os mercados europeus n'estes ultimos dias. Apenas nos mercados inglezes, segundo se diz d'ali, os preços se conservam firmes.

Y.

—

A' ultima hora.—Causou immensa impressão o artigo do *Diario Popular* em resposta ao sr. Antonio de Serpa. E não fica por ali o desforço. E são estes os homens que accusam os ministros progressistas! O chamado chefe do antigo partido regenerador fica n'uma posição desgraçada!

— A pasta das obras publicas foi offerecida ao sr. Eduardo José Coelho.

— Acabou agora a conferencia do governo com os fundadores da companhia vinicola. Ficou assentada em principio a annullação do contracto de 5 de dezembro, a constituição da Companhia dentro da legislação vigente, mas sem marca official. O sr. ministro das obras publicas declarou que, em vista do assentimento dos interessados, se prestava a assignar o novo contracto, annullando o primeiro, para não deixar esse attricto ao seu successor; mas desde esse dia dava por terminada a sua missão de ministro das obras publicas. Os termos do novo contracto ainda não fôram assentados, mas são previstos.

— Chegou hoje uma commissão de proprietarios de Villa Nova de Gaya, representando contra as modificações que a junta consultiva das obras publicas mandou fazer no projecto da avenida superior esquerda da ponte D. Luiz I. Foi recebida pelos srs. presidente do conselho e ministro das obras publicas. A commissão retirou-se satisfeita e muito esperançada, em vista das explicações do governo e das declarações do sr. presidente do conselho.

— Foi nomeado administrador delegado da régie no districto de Braga o sr. visconde de Pindella. Substitue este sr. na commissão dos alcools do norte o sr. dr. Cirne.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CASA PARA ALUGAR

ALUGA-SE a casa onde esteve a Secretaria da Reserva, na rua de S. Gonçalinho. Trata-se na Redacção d'este jornal.

ANNUNCIO

A Commissão Districtal Executiva da Junta Geral do districto de Aveiro:

FAZ publico que no dia 15 de março proximo, pelas 11 horas da manhã, na salla das suas sessões, se ha-de arrematar por meio de propostas em carta fechada, seguida de licitação verbal, a obra de aparelho da pedra de calcareo da Gandara de Outil que fôr necessario para a construcção do novo edificio para as repartições publicas d'este districto, no Largo do Terreiro d'esta cidade, sendo a base da licitação, conforme o orçamento technico, a quantia de 4$800 reis cada metro cubico; e bem assim se ha-de arrematar a mesma obra de aparelho e conjunctamente o fornecimento da respectiva pedra, sendo para este caso a base da licitação a quantia de 17$400 reis cada metro cubico, conforme o referido orçamento technico e as bases anteriormente annunciadas sobre que não houve licitantes.

As demais condições da arrematação acham-se patentes na secretaria da referida Junta Geral, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

E para constar se passou o presente e outros de egual theor para serem affixados nos logares do estylo e publicados em um dos jornaes d'esta cidade.

Aveiro, 19 de fevereiro de 1889.

O Presidente da Commissão Districtal

José Maria Barbosa de Magalhães.

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

O conselho administrativo faz publico que no dia vinte e oito do corrente mez e pelas onze horas da manhã, procederá á arrematação de fornecimento de verde para os cavallos do mesmo regimento, pelo tempo de 15 a 20 dias, começando este fornecimento quando as cevadas se achem no periodo de deitar a espiga e a entrar na maturação.

As condições acham-se patentes na secretaria do mesmo conselho, onde podem ser vistas todos os dias desde as 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Quartel em Aveiro 16 de fevereiro de 1889.

O secretario

Fortunato Antonio Mendes d'Almeida.

Tenente

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.ª, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravida, e amas de leite, pessoas idosas, creanças anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

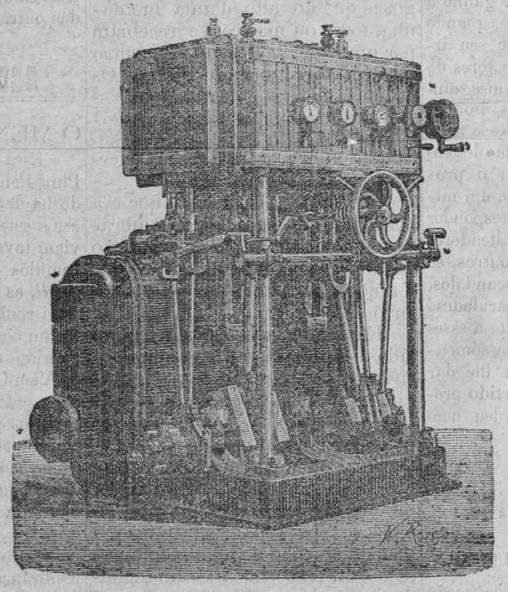
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau*.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar lhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua do Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e iecendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOCTOR DEHAUT, DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

DOENÇAS DO ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Aciriez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.

Não tem rival.

E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida d *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

IRMANDADE DO SENHOR DOS PASSOS

A MEZA d'esta Irmandade faz publico que por motivos economicos e por que tem de reformar as alfaias e paramentos, não sahirá este anno a procissão do Senhor dos Passos, para que no proximo anno possa sahir com toda a pompa e luzimento.

Aveiro, 17 de fevereiro de 1889.

O Escrivão,

Antonio José Martins.

VENDA

VENDE-SE uma casa nova, com commodidades para uma numerosa familia, com quintal, situada na Gafanha, proximo á ria, á beira da estrada que vae de Aveiro á Barra.

Para tratar falle-se com o seu dono o Padre João Manuel da Rocha Senos.

Ilhavo, 12 de fevereiro de 1889.

PILULAS DE BLANCARD

IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — Approvadas pela Academia de Medicina de Paris. Adoptadas pelo Formulario official francez. Autorisadas pelo Governo medico de São-Petersburgo. — PARIS

1852 — 1884

Estas pilulas, em que acham-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são ineficazes; na **Chlorosis** (*palidez das mentuas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O fodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento inficl, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reac tiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto.

Pharmac^a em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES O MAIS EFFICAZ E O MENOS DOLOROSO DE TODOS OS VESICATORIOS

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faub^g St Denis PARIS, E AS PRINCIPAES PHARMACIAS EM QUE ACHA-SE EM PEDAÇOS DE TODOS OS TAMANHOS.

EXIJA-SE A ASSIGNATURA ALBESPEYRES NO LADO VERSO

SILVESTRES

VERSOS DE VIDAL OUDINOT

Está aberta a assignatura n'esta Redacção.

NOVIDEDE LITTERARIA

—

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

JULIO CESAR MACHADO

Mil e uma historias..... 700

MARIA A. VAZ DE CARVALHO

Alguns homens do meu tempo..... 700

FERNANDES COSTA

O livro das soledades—Echos da Andaluzia..... 600

EDUARDO COELHO JUNIOR

Retalhinhos—Contos Originaes..... 500

Regulamento da contribuição industrial approvado por decreto de 27 de dezembro de 1888..... 100

Almanach Illustrado do Occidente para 1889..... 200

Dito Illustrado por F. Pastor.. 200

Novo Almanach de Lembranças, Luso Brasileiro, para o anno de 1889:

Cartonado..... 320

Brochado..... 240

Codigo Commercial, approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888 e seu reportorio alphabetico, encadernado..... 360

Brochado..... 240

GUIOMAR TORRESÃO

Almanach das Senhoras, para 1889.. 240

ALBERTO PIMENTEL

Atravoz do passado..... 500

A FORMOSA CONSPIRADORA

ROMANCE MODERNO

POR

PIERRE ZACCONE

Com illustrações a chromo-lithographia e gravura

Condições de assignatura:—O romance *A Formosa Conspiradora* compor-se-ha de 5 volumes de regulares dimenções, illustrados com 5 primorosas estampas chromo-lithographadas e 21 gravuras. A estampa colorida correspondente ao 1.º volume, é offerecida gratuitamente a todos os assignantes.

Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, ou 48 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. Nas semanas em que as entregas forem acompanhadas de estampas, receberão os assignantes de Lisboa 5 folhas ou 40 paginas, apenas.

Provincias.—A assignatura será, como até agora, paga adeantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo, franco de porte do 12 folhas ou 11 folhas e 1 estampa. As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

ALMANAK DO PORTO E SEU DISTRICTO

Para 1888

(3.º ANNO DE PUBLICAÇÃ)

por A. G. Vieira Paiva

Acaba de publicar-se este antigo e conhecidissimo Almanak para 1889; vae muito augmentado, e o mais exacto possivel em todas as suas indicações, e é acompanhado de um *Almanak Judicial de todas as comarcas de Portugal*.

Preço: Brochado, 500 reis; cartonado, 600 reis; pelo correio, mais 50 reis.

Vende-se desde já na Livraria Archivo Juridico de A. G. Vieira Paiva, editor, rua do Bomjardim, 67—Porto.

GRAMMATICA INGLEZA

POR

JACOB BENSABAT

Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fôra publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

HISTORIA DO

MUNICIPALISMO EM PORTUGAL

Estão publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defeza da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram n'este trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importannia.

A parte narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archives, alguns dos quaes veem a luz publica pela primeira vez.

N preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 1$500 reis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na séde da *Bibliotheca historico-portugueza*—Lisboa rua de S. Bento 260—onde devem ser dirigidas todas as requisições. Quem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de preço.

METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e dados respectivos diplomas.

JACK, O ESTRIPADOR

ROMANCE DE ACTUALIDADE

Illustrado com gravuras.—Recente producção de James Middleton, ácerca dos crimes de Londres.—10 reis cada folha, 10 reis cada gravura. Lisbo e Porto, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega.—Provincia, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente. Assigna-se no escriptorio da administração, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario*, em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos*.

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Sacras, medalhas, contas, estampas*, etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

CARVALHO & PONS—EDITORES

Rua do Instituto Industrial, 23 a 21

LISBOA

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO